

**INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA
E TECNOLOGIA DO RIO GRANDE DO SUL
CAMPUS PORTO ALEGRE**

**CURSO DE LICENCIATURA EM CIÊNCIAS DA NATUREZA
HABILITAÇÃO EM BIOLOGIA E QUÍMICA**



**CONCEPÇÕES PRÉVIAS DE ADOLESCENTES SOBRE HIV/AIDS
E DESAFIOS POSTOS À DOCÊNCIA
NO CONTEXTO DE UMA ESCOLA DE ALVORADA - RS**

GRAZIELA TRAÇANTE RODRIGUES

PORTO ALEGRE

2016

GRAZIELA TRAÇANTE RODRIGUES

**CONCEPÇÕES PRÉVIAS DE ADOLESCENTES SOBRE HIV/AIDS
E DESAFIOS POSTOS À DOCÊNCIA
NO CONTEXTO DE UMA ESCOLA DE ALVORADA - RS**



Trabalho de conclusão de curso apresentado como requisito parcial para a aprovação no curso em Licenciatura em Ciências da Natureza – habilitação em biologia e química, do Instituto Federal do Rio Grande do Sul- Campus Porto Alegre.

Orientadora: Liliane Madruga Prestes

PORTO ALEGRE

2016

GRAZIELA TRAÇANTE RODRIGUES

**CONCEPÇÕES PRÉVIAS DE ADOLESCENTES SOBRE HIV/AIDS
E DESAFIOS POSTOS À DOCÊNCIA
NO CONTEXTO DE UMA ESCOLA DE ALVORADA - RS**

**Trabalho de conclusão de curso apresentado
como requisito parcial para a aprovação no
curso em Licenciatura em Ciências da
Natureza – habilitação em biologia e química,
do Instituto Federal do Rio Grande do Sul-
Campus Porto Alegre.**

APROVADA, ___ de novembro de 2016.

BANCA EXAMINADORA:

Prof^ª Dra^a Liliane Madruga Prestes (Orientadora)

(IFRS- Campus Porto Alegre)

Prof^º Ms André Morando

(IFRS- Campus Porto Alegre)

Prof^º Dr^º Cassiano Pamplona Lisboa

(IFRS- Campus Porto Alegre)

Prof^ª Dra^a Michelle Camara Pizzato (suplente)

(IFRS - CAMPUS PORTO ALEGRE)

Aos meus alunos, por terem chegado ao meio de minha graduação e terem me incentivado a essa escrita desta dissertação, e sem a qual não haveria menos de tudo, menos ideais, menos significados, menos sentido. Menos inspiração...

[...] não temos tempo a perder! – Renato Russo

AGRADECIMENTOS

Primeiramente agradeço a Deus por ter me dado saúde e força para superar as dificuldades.

Agradeço as minhas avós que hoje estão em outro plano espiritual, Antônia e Marina, mas que em vida me incentivaram em diversas formas a seguir a carreira docente.

Aos meus pais Ana Luiza e José Luís que sempre me apoiaram em tudo que fiz e sempre estiveram ao meu lado nos melhores e piores momentos, se importando quando pequenas coisas significavam muito para mim passando a significar para eles também. Vocês são minha maior admiração e exemplo de vida, que sempre lutaram para fazer entender que o conhecimento é o principal nutriente da alma e sempre acreditaram em mim.

A meu irmão Gustavo que trouxe para minha vida equilíbrio e muito amor.

A minha orientadora Liliane Madruga, que entrou em minha vida ao longo desse processo de escrita deste trabalho. Chegou a minha vida para acrescentar positivamente ao resultado deste trabalho, em quatro mãos. Obrigado por todos os conselhos e todo carinho e dedicação que teve por mim.

Ao Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul do Campus Porto Alegre, por sua excelência na qualidade de ensino, dedicação, respeito e confiança para com os alunos.

A todos meus professores deste curso que contribuíram para o meu crescimento, desenvolvimento e formação. Tenho certeza que foram capazes de me dar toda base para caminhar sozinha e encontrar o sucesso lá na frente. Em especial, agradeço aos professores Cassiano Pamplona, Michelle Pizzato e Clarice Monteiro pelos inúmeros conselhos dados ao longo do curso.

As amigas que pude construir ao longo dessa trajetória acadêmica, a todos os meus colegas da Licenciatura em Ciências da Natureza, em especial a turma de 2011/2, que sempre pude ter conversas, risadas e confidências. Entre tantas amigas que formei nessa trajetória, colegas foram de extrema importância pra mim e sempre demonstraram força e me fizeram

acreditar que nada é tão difícil quanto parece. Obrigada André, Chamis, Cristiane, Karla, Mayara e Renan, pelos conselhos e disposição em me ajudar sempre, meus eternos Bros.

A toda equipe diretiva da Escola Estadual de Ensino Médio Senador Salgado Filho, Ana Cristina Pires, Aline Pérsico, Carmem Luiza, Dagmar, Josiane Fraga e Nara, obrigada por terem acreditado em meu potencial e me apoiado em todas as minhas loucuras, e confiaram em mim em todo esse processo de construção de docente que estou me tornando.

A todos os meus colegas da Escola Estadual de Ensino Médio Senador Salgado Filho, pelos conselhos e carinho ao longo deste ano, em especial a Ângela, Daniele, Luís Roberto, Luís Augusto e Mirian.

As minhas grandes amigas Aline, Daiana, Laís e Tamires por fazerem parte da minha vida. Obrigada pela paciência comigo neste ano por estar sempre ocupada e ausente.

A todos os meus familiares tios (as), primos (as) em especial meus primos Rafael e Natielle que sempre estiveram ao meu lado, me mostrando caminhos mais tranquilos quando eu pensava que eles não existiam, obrigada pela força e carinho.

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

AIDS – Síndrome da Imunodeficiência Adquirida

HIV – Vírus da Imunodeficiência Adquirida

DST – Doença Sexualmente Transmissível

LAV – Vírus Associado a Linfadenopatia

HTLV II – Vírus Linfotrópico da célula humana 2

LISTA DE FIGURAS

- Figura 1:** Passeata das manifestações de 1980 23
- Figura 2:** Capa da Revista Veja (1989): Cazuzo: uma vítima da AIDS que agoniza em praça pública. 28
- Figura 3:** Campanha do Ministério da Saúde 33
- Figura 4:** Campanha do dia 01/12 – Laço Vermelho em frente a Prefeitura Municipal de Alvorada – RS 46

LISTA DE TABELAS

Tabela 1: Ranking dos 100 municípios com mais de 100 mil habitantes segundo índice composto. Brasil, 2009 a 2013. **37**

Tabela 2: Entendimento dos adolescentes sobre as formas de contaminação por HIV. **49**

Tabela 3: entendimento dos adolescentes acerca das estratégias de HIV. **49**

Tabela 4: Quais os sintomas de uma pessoa contaminada com a HIV? **54**

Tabela 5: Quanto tempo esses sintomas do HIV demoram a se manifestar no sujeito infectado? **54**

Tabela 6: Que curiosidades e conhecimentos você gostariam de obter com relação a HIV/AIDS. **54**

LISTA DE GRÁFICOS

- Gráfico 1:** Casos registrados no Brasil, conforme a faixa etária dos sujeitos 38
(referente ao período de 2004 a 2013).
- Gráfico 2:** Gênero Informado pelos adolescentes participantes. 43
- Gráfico 3:** Informações sobre os índices de contaminação de HIV/AIDS no 46
contexto pesquisa.
- Gráfico 4:** Espaços onde os adolescentes costumam tirar suas dúvidas com a 47
relação à sexualidade e HIV/AIDS, por uma ordem de prioridade.
- Gráfico 5:** Espaços onde os adolescentes costumam tirar suas dúvidas com a 47
relação à sexualidade e HIV/AIDS, por uma ordem de prioridade.
- Gráfico 6:** Sobre a prevenção do HIV/AIDS focado na escola. 48
- Gráfico 7:** Sobre a prevenção do HIV/AIDS focado na escola. 48
- Gráfico 8:** A AIDS se pega pelo beijo? 52
- Gráfico 9:** A AIDS se pega pelo beijo? 52
- Gráfico 10:** Mesmo usando o preservativo numa relação sexual, corre o 52
risco de contrair o HIV?
- Gráfico 11:** Mesmo usando o preservativo numa relação sexual, corre o 52
risco de contrair o HIV?
- Gráfico 12:** O HIV pode ser transmitido durante a gestação da mãe para o 53
bebê?
- Gráfico 13:** O HIV pode ser transmitido durante a gestação da mãe para o 53
bebê?
- Gráfico 14:** Pessoas portadoras do vírus HIV podem doar sangue? 53

Gráfico 15: Pessoas portadoras do vírus HIV podem doar sangue?

53

LISTA DE MAPAS

SUL	Mapa 1: LOCALIZAÇÃO DA CIDADE NO MAPA DO RIO GRANDE DO	36
	Mapa 2: LOCALIZAÇÃO DA CIDADE NO MAPA METROPOLITANO	36

SUMÁRIO

RESUMO	15
ABSTRACT	16
INTRODUÇÃO	17
1. POR QUE DISCUTIR A TEMÁTICA HIV/AIDS NA DOCÊNCIA NO ENSINO MÉDIO? MOTIVAÇÕES PARA A ESCOLHA DO TEMA E DO CONTEXTO PESQUISADO	19
2. SEXO, DROGAS E ROCK’N ROLL: REPRESENTAÇÕES SOCIAIS ACERCA DA HIV/AIDS A PARTIR DA DÉCADA DE 1980 E SUAS REPERCUSSÕES NO CONTEXTO EDUCACIONAL ATUAL	23
2.1 Pedagogias da sexualidade e as estratégias educacionais para a prevenção do HIV/AIDS no Brasil	32
2.2 HIV/AIDS no contexto municipal pesquisado.	36
3. PERCURSOS METODOLÓGICOS DA PESQUISA E O CONTEXTO ESCOLAR PESQUISADO	40
4. CONCEPÇÕES PRÉVIAS DE ADOLESCENTES E EDUCADORES/AS SOBRE HIV/AIDS E DESAFIOS POSTOS À DOCÊNCIA NO CONTEXTO DE UMA ESCOLA DE ALVORADA – RS	43
4.1 “Poh! Os nego tão tudo dando no pelo. Isso passou na TV” – reflexões acerca das concepções sobre HIV/AIDS de adolescentes de uma escola pública de Alvorada – RS	45
4.2 Percepções e demandas apontadas pelos docentes participantes do estudo	57
CONSIDERAÇÕES FINAIS A PARTIR DA ESCUTA DOS JOVENS E DOCENTES	62
REFERÊNCIAS	63
APÊNDICE	66

RESUMO

O presente estudo investiga quais as concepções prévias de adolescentes que estudam no contexto de uma escola pública de Ensino Médio do município de Alvorada – RS acerca da temática HIV/AIDS. O objetivo é analisar quais as repercussões das ações educativas desenvolvidas para a prevenção e divulgação de informações, uma vez que atuo como docente no contexto escolar pesquisado. A escolha de tal tema justifica-se pelo fato de que o município ocupa a 11ª posição no ranking nacional quanto ao número de jovens infectados e, diante disso, a escola tem sido desafiada a promover ações educativas que colaborem para transformar tal realidade. Neste sentido, a pesquisa buscou fornecer subsídios para o aprimoramento das práticas pedagógicas articulando-as com os estudos realizados no decorrer do curso de Licenciatura em Ciências da Natureza ofertado pelo Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia – Campus Porto Alegre. Para tanto, a metodologia adotada constou de um estudo de caso, incluindo a revisão de literatura, preenchimento pelos jovens de um questionário semiestruturado. No total, participaram 71 jovens, sendo 36 do 1º ano (ingressantes) e 35 do 3º ano (concluintes) do Ensino Médio, visando relacionar em que medida as ações educativas desenvolvidas no âmbito da escola tem potencializado o acesso e a adoção de medidas preventivas entre os informantes. Também foram realizadas conversas informais com 04 (quatro) docentes e uma das integrantes da equipe de gestão da escola. Os dados produzidos foram analisados articulando com os estudos teóricos realizados, os quais pautaram-se em pesquisas de autores/as tais como Seffner (1995), Rocha (2007), Castro e Abramoway (2004), Costa (2010), entre outros/as. As análises realizadas apontam para a necessidade de aprofundamento quanto ao estudo acerca das culturas juvenis, das questões de gênero e sexualidade e, em particular, quanto a estratégias educativas de prevenção e/ou difusão de informações acerca do HIV/AIDS, tanto no contexto escolar, quanto municipal e também na formação inicial e continuada de docentes.

Palavras – chave: Docência no Ensino Médio, HIV/AIDS, juventudes

ABSTRACT

This study investigates which prior knowledge of teenagers studying in the context of a public school in high school Alvorada - RS about the HIV / AIDS issue. The goal is to analyze the impact of educational activities developed for the prevention and dissemination of information, since I work as a teacher in the school context researched. The choice of this theme is justified by the fact that the municipality occupies the 11th position in the national ranking for the number of young people infected and, before that, the school has been challenged to promote educational activities that contribute to transform this reality. In this sense, the research sought to provide support for the improvement of pedagogical practices articulating them with the studies carried out during the course of Degree in Natural Sciences offered by the Federal Institute of Education, Science and Technology - Campus Porto Alegre. Therefore, the methodology consisted of a case study, including literature review, fill the young of a semi-structured questionnaire. In total, participated 71 young people, 36 of 1st year (freshmen) and 35 of the 3rd year (graduates) of high school, aiming to relate to what extent the educational activities developed within the school has enhanced access to and adoption of preventive measures among informants. Also informal conversations with 04 (four) teachers and the school management team members were held. The data generated were analyzed articulating with theoretical studies, that it is guided into research author / the like Seffner (1995), Rocha (2007), Castro and Abramoway (2004), Costa (2010), among others / at. The analyzes point to the need to deepen as the study about youth culture, gender and sexuality issues and, in particular, as the educational strategies to prevent and / or dissemination of information about HIV / AIDS, both in the school context , the city and also in the initial and continuing training of teachers.

Key - words: Teaching in Secondary Education, HIV / AIDS, youth

INTRODUÇÃO

O presente estudo enquadra-se em uma circunstância marcada por jovens que vivem dentro de um contexto de uma cidade metropolitana de Porto Alegre, Alvorada, conhecida como a “cidade da solidariedade”, onde acolhe diversidades de manifestações culturais em um só espaço. Essa cidade possui estatísticas preocupantes no que refere aos seus jovens: Alvorada é o único município gaúcho que ultrapassa a marca de 100 mortes por 100 mil jovens no Estado. Assim a cidade como a de maior incidência de violência¹, deixando dessa forma como a maior taxa de homicídios entre a população de faixa etária jovem. A taxa praticada na cidade indica que a cada 100 mortes, 45 são de jovens. Alvorada é um refúgio da vulnerabilidade social. Além de liderar o ranking de cidade violenta, também lidera como a cidade com maior incidência de jovens com HIV/AIDS.

No ano de 2010 os municípios do sul do país dominaram a lista das 14 cidades com mais de 50 mil habitantes com mais casos de AIDS proporcionalmente à sua população. A região sul concentra 14% da população e representou, neste ano citado, 23% dos casos e a maior taxa de incidência (28,8 casos para 100 mil habitantes), segundo balanço divulgado pelo Ministério da Saúde (dezembro/2010). Os dados podem significar problemas no passado, já que é comum que pessoas infectadas demorem até o início dos sintomas para identificar a presença do vírus. Esse aumento de casos nos últimos anos foi entre jovens gays e travestis e mulheres com idades entre 13 e 19 anos. Já no ano de 2014, só se confirmou a partir do Boletim Epidemiológico HIV/AIDS, que Alvorada ocupou o 11º lugar no ranking de cidade do Brasil com maior razão de jovens por faixa etária infectada.

Sendo assim esse estudo visa analisar respostas de jovens que estão iniciando um novo contexto escolar com sua chegada ao ensino médio e ver o olhar da trajetória daqueles alunos que estão se despedindo do ensino médio acerca dos assuntos tratados em sala de aula referente às repercussões acerca da temática HIV/AIDS.

¹ De acordo com dados apontados pelo IBGE (2014) aponta que o município lidera o ranking de homicídios no Rio Grande do Sul. A cidade tem um índice de 70,9 homicídios por 100 mil habitantes, analisando a taxa média de mortes em 2012 e ocupa o 82º lugar no índice de homicídios do país.

Este trabalho está organizado em um ciclo evolutivo de cinco capítulos. No primeiro capítulo descrevo a minha trajetória ao escolher a profissão docente e sigo relatando como foi a minha caminhada na trajetória profissional e destacando minhas limitações e motivações na escolha do tema e a sua justificativa. No segundo capítulo aponto quais foram as representações sociais acerca da HIV/AIDS na década de 80, abordando também nesse capítulo algumas questões teóricas, sendo estas retomadas em diversos momentos e ao longo do texto. Ainda nesse capítulo resgato a problematização da juventude do ponto de vista conceitual. Além disso, destaco o papel que a Juventude ocupa no contexto escolar, falando das políticas públicas que visam trabalhar a sexualidade humana no contexto do ensino médio. No terceiro capítulo falo do contexto histórico da cidade o alvo da pesquisa, seguido da caracterização da escola pesquisada. No quarto capítulo falo dos percursos metodológicos da pesquisa e o contexto do local pesquisado. No quinto capítulo procedo a análises dos dados, articulando com os conceitos fundamentados nesta pesquisa. Neste capítulo apresento e problematizo algumas falas dos jovens, tendo privilégio de ter feito uma análise de dados referente a discussões à gênero, sexualidade e a sua relação com o HIV/AIDS, nesse mesmo capítulo faço um estudo das narrativas da escola pesquisada vendo suas dificuldades na profissão docente. No último capítulo teço as considerações finais.

1. POR QUE DISCUTIR A TEMÁTICA HIV/AIDS NA DOCÊNCIA NO ENSINO MÉDIO? MOTIVAÇÕES PARA A ESCOLHA DO TEMA E DO CONTEXTO PESQUISADO

No ano de 2011/02 iniciei minha trajetória enquanto futura educadora ao ingressar no Curso de Licenciatura em Ciências da Natureza habilitação em Biologia e Química, pelo Instituto Federal de Educação Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul - Campus Porto Alegre. No início lembro-me de como me sentia desafiada enquanto acadêmica e futura educadora. Buscava sempre de forma tímida, manter um sorriso no rosto a fim de demonstrar que estava tudo bem, mas no fundo os receios quanto ao futuro eram enormes. Com o tempo descobri que o que eu não sabia era de que a partir do ingresso no curso iniciava uma das etapas mais fascinantes e de aventuras de minha trajetória de vida. Lembro nitidamente que na manhã do dia oito de agosto de dois mil e onze fui questionada se eu tinha ciência do que iria encarar a partir da escolha da profissão docente? Também lembro de minha resposta: *Estou preparada para qualquer transformação que vier!*

Já no 4º semestre do Curso, em meados de julho de 2013, fui contratada emergencialmente para atuar como docente em turmas de Ensino Médio em escolas estaduais situadas na cidade de Alvorada, região metropolitana de Porto Alegre. Foi um grande desafio, pois até então meus contatos com as turmas haviam acontecido em companhia de outros colegas no decorrer da licenciatura. Agora o desafio era bem maior, afinal, assumir a docência num contexto que para mim era até então desconhecido: a cidade de Alvorada. No ano de 2014 iniciei meus trabalhos numa escola de pública estadual localizada no centro de Alvorada, nos turnos manhã, tarde e noite. Na ocasião, o Ensino Médio ofertado na rede buscava consolidar a proposta de Ensino Politécnico², cujo objetivo era a realização de práticas pedagógicas pautadas na construção da compreensão do significado da ciência; das linguagens e da arte; do processo histórico de transformação da sociedade e da cultura; da

² Instituído pela o Resolução CEE/RS nº 02 de 30/01/2012 (Conselho Estadual de Educação do Rio Grande do Sul) implementada pela Secretaria de Educação do Estado do Rio Grande do Sul (gestão 2011-2015).

Língua portuguesa como instrumento de comunicação, acesso ao conhecimento e do exercício da cidadania.

A fim de atender tais objetivos da proposta do Ensino Médio Politécnico, a mantenedora adotou como metodologia que cada escola desenvolvesse projetos selecionados a partir de dez eixos temáticos, os quais incluem temas como: meio ambiente; esporte e lazer; direitos humanos; cultura e artes cultura digital; prevenção e promoção da saúde; comunicação e uso de mídias; investigação no campo das ciências da natureza; e educação econômica e áreas da produção. Cada projeto interdisciplinar deveria contemplar as quatro áreas de conhecimento que pautam o Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM), a saber: Linguagens; Matemática; Ciências Humanas e Ciências da Natureza e respectivas tecnologias.

Com base em tal proposta, no segundo trimestre do ano de 2015, o grupo de professores do noturno da Escola, foco deste estudo, elaborou uma proposta tendo tema “Saúde e Ambiente” com foco na temática AIDS (Síndrome da Imunodeficiência Adquirida). A justificativa para tal escolha levou em consideração o fato de que o município de Alvorada tem altos índices de pessoas infectadas com o vírus. De acordo com a proposta metodológica, o desafio foi abordar tal temática de forma interdisciplinar englobando todas as áreas de conhecimento.

A fim de implementar a proposta, os alunos do Ensino Médio do curso noturno foram desafiados a pesquisar sobre o assunto, buscando dados sobre o município no site do Ministério da Saúde e depois seguir as orientações dos professores para a apresentação do seminário. Para os alunos do primeiro ano, a proposta consistia na criação de uma campanha sobre a prevenção do HIV. O segundo ano deveria fotografar situações do cotidiano em que poderiam ficar vulneráveis a infecção do vírus e comentar sobre a imagem como poderiam se contaminar e porque e por fim o terceiro ano deveria realizar uma pesquisa em seu ciclo de amizades, questionando o que sabiam sobre a doença, os dados do município, nas formas de transmissão e como estavam fazendo para se prevenir.

Na sequência das atividades desenvolvidas pelas turmas, logo após a pesquisa, o estudantes foram desafiados a sistematizarem os conhecimentos mediante a elaboração de

uma produção textual, a qual incluiu suas opiniões acerca da temática o uso de drogas lícitas e a vulnerabilidade em contrair o vírus HIV. Num primeiro momento, os estudantes demonstraram um pouco de resistência mas ao longo do estudo demonstraram muito empenho e participação todos na realização da proposta. Entre os dados trazidos pelos mesmos, cita-se os dados que revelam uma triste realidade, a saber, o fato de que Alvorada consta entre as cidades municipais do Brasil com o índice mais alto de contaminação de HIV/AIDS, e também chamando a atenção a realidade de jovens segundo faixas etárias com um aumento.

As preocupações com os jovens e as questões de sexualidade, começaram a fazer parte do meu dia a dia e nas idas e vindas à escola, nos encontros com os jovens em atividades de orientação para essa avaliação. Ao mesmo tempo, constatei que a capacitação de educação em saúde para os professores não ocorria e que dispúnhamos de poucas referências sobre como lidar diante das demandas dos alunos. Comecei a me questionar sobre como as questões de gênero e sexualidade têm sido enfocadas no âmbito do Ensino Médio e de que forma problematizar tais questões no âmbito de sala de aula. Passei a questionar-me sobre minha própria atuação enquanto docente, ou seja, em que medida o trabalho realizado com estes alunos permitia que os jovens vivessem a sua sexualidade de uma forma mais segura e prazerosa?

Diante do acima exposto, entendo que apesar de tal temática estar inclusa nos temas transversais, não raras vezes, tal abordagem acaba sendo mais prescritiva em detrimento da escuta e problematização acerca dos conhecimentos prévios que os adolescentes possuem. Frente a esta desafiadora oportunidade, como professora e pesquisadora atuando na escola, me senti desafiada a realizar o presente estudo a fim de compreender essas questões referentes o HIV nessa cidade. Busquei ampliar meus horizontes investigando inicialmente as concepções de adolescentes de Alvorada- RS, sobre HIV/AIDS e a experiência dessa escola pública ao abordar tal temática. Dito isso, esclareço que pretendo com esse estudo abordar a sexualidade na adolescência a partir da fala de narrativas dos próprios sujeitos, suas concepções, dúvidas e vivências enfocando como a escola poderá atuar o sentido de promover a abordagem de questões de gênero e sexualidade no contexto pesquisado e ver os desafios postos para os docentes perante tão temáticas e desafios para realizar atividades interdisciplinares dentro de uma escola pública estadual. O objetivo é potencializar o

protagonismo juvenil na adoção de ações educativas voltadas à educação para a sexualidade e relações de gênero.

No próximo capítulo, apresento uma breve revisão de literatura sobre a temática do HIV/AIDS no Brasil e suas repercussões no campo da educação.

2. SEXO, DROGAS E ROCK'N ROLL: REPRESENTAÇÕES SOCIAIS ACERCA DA HIV/AIDS A PARTIR DA DÉCADA DE 1980 E SUAS REPERCUSSÕES NO CONTEXTO EDUCACIONAL ATUAL

A escolha do título desta seção teve como inspiração as reflexões realizadas sobre as culturas juvenis no Brasil, em particular, a partir do texto da autoria de Gustavo Prado (2011), o qual analisa tal temática tendo como objeto de estudos as músicas de rock'n roll nacional veiculadas a partir da década de 1980. Segundo a autor, tal período foi bastante marcante para a história do século XX segundo o ponto de vista dos acontecimentos políticos e sociais, é eventualmente considerada como o fim da idade industrial e início da idade da informação,

Figura 1: Passeata pelas manifestações de 1980.



Fonte: Folha de São Paulo /81.

sendo chamada por muitos como a década perdida³. Tal período caracterizou-se por ser recheado de simbolismos históricos importantes. O Brasil acabava de sair da ditadura militar e vivenciava uma explosão de liberdades. O mundo assistia o fim da utopia socialista e a vitória capitalista com a queda do muro de Berlim. Também foi a última década antes da intensificação do estouro tecnológico, de computadores e da Internet dos anos 90.

Antes do final da ditadura militar, muitas atividades eram vetadas, como os meios de comunicação que no qual em hipótese alguma poderia divulgar ações sobre a política e maus costumes. De acordo com o Prado (2011), nos anos de 1980 e 1990 o poder de influência da TV sobre a população brasileira era enorme sendo que as emissoras do mundo inteiro se relacionavam, podendo assim transmitir diversos acontecimentos para o mundo inteiro.

Segundo, a pesquisa realizada por Galvão (2000) no final da década de 1970 e início dos anos 1980 a época foi marcada por um grande acontecimento que afetou o mundo inteiro, surgem nos EUA os primeiros casos da AIDS (Síndrome da Imunodeficiência Adquirida). Segundo o autor, nessa época a denominada “nova praga” ainda não era conhecida do grande público e nem pelos cientistas, não sendo ainda muito bem definida como seria chamada, mas

³ Esse nome de a década perdida foi imposto por diversos autores como Prado; Gustavo dos Santos.

acabaram chamando de 5H, em referência ao grande número de casos entre os homossexuais, hemofílicos, haitianos, heroínômanos (usuários de heroína injetável) e hookers (nome em inglês dado às profissionais do sexo). Naquela época os veículos de comunicação foi o que projetou as primeiras notícias sobre essa pandemia mundial, que no qual, ocasionou um caos generalizado por não saberem informações para conter essa doença que já estava sendo uma das causas de mortes da época.

Os estudos realizados por Rocha (2007) evidenciam que os primeiros diagnósticos de AIDS que se tem registro foram realizados no ano de 1981, nos Estados Unidos (em São Francisco e Nova York) envolvendo indivíduos homossexuais adultos do sexo masculino com sintomas comuns entre ambos tais como Sarcoma de Kaposi⁴, pneumonia e comprometimento do sistema imunológico. Esses fatos levaram a crer que surgia uma nova doença, ainda não classificada e que provavelmente seria infecciosa e transmissível. Os nomes que se destacaram nas pesquisas para que ocorresse a identificação do agente e, por conseguinte, pudesse ser isolado, foram os de Luc Montaigner (1983), na França, e Robert Gallo (1984), nos EUA. Em 1983, o vírus recebeu o nome de LAV e HTLV-II. No entanto, somente no ano de 1986, um Comitê Internacional recomendou o termo HIV (Vírus da Imunodeficiência Humana) para denominar esse vírus, reconhecendo-o como capaz de infectar seres humanos.

De acordo com a autora acima citada, neste momento da história do HIV, surge outro identificador dos indivíduos portadores do vírus, o chamado “grupo de risco”. A AIDS por atingir principalmente os 5H. Esta questão não ficou mascarada por muito tempo: no ano, 1982, a nova síndrome já não era mais relacionada aos gays, mas em mulheres, homens heterossexuais, usuários de drogas, hemofílicos, receptores de transfusão de sangue e bebês. Neste mesmo ano, a nova designação AIDS (Acquired Immunological Deficiency Syndrome) – (Síndrome de Imunodeficiência Adquirida) passa a ser utilizada no mundo.

Em termos mundiais, com o nascimento do pop e o renascimento do rock pela a divulgação de novos ícones nacionais e internacionais que ocasionava a propagação de visuais e comportamentos e também as grandes manifestações por jovens por liberdade de expressão eram características marcantes dos jovens do século XX. Essas descrições da década de 1980

⁴ O sarcoma é um câncer que se desenvolve nos tecidos conectivos como a cartilagem, o osso, a gordura, o músculo, os vasos sanguíneos, ou os tecidos fibrosos. O sarcoma de Kaposi (KS) foi assim chamado pelo Dr. Moritz Kaposi que o descreveu pela primeira vez em 1872 (COSTA,ET AL 2006, p.77).

conseguiram ser caracterizada à medida que, eu a autora dessa pesquisa, utilizei um acesso rápido e fácil sobre esses dados. A internet, que nesse sentido se torna imprescindível a utilização deste meio na pesquisa científica, para oportunizar uma reflexão das ideologias que servem à cultura dominante. As relações sociais, bem como os meios de comunicação que transmitem informações, estão a serviço desta cultura. Segundo Kalinke (1999)

Os avanços tecnológicos estão sendo utilizados praticamente por todos os ramos do conhecimento. As descobertas são extremamente rápidas e estão a nossa disposição com uma velocidade nunca antes imaginada. A Internet, os canais de televisão a cabo e aberta, os recursos de multimídia estão presentes e disponíveis na sociedade. Estamos sempre a um passo de qualquer novidade. Em contrapartida, a realidade mundial faz com que nossos alunos estejam cada vez mais informados, atualizados, e participantes deste mundo globalizado (KALINKE, 1999, p.15).

No contexto brasileiro, a HIV/AIDS passou a ter mais visibilidade, em particular, a partir da década de 1980 com a veiculação das primeiras campanhas de prevenção bem como dos primeiros registros públicos de mortes causadas pela doença. Na continuidade da história do HIV em terras brasileiras ocorre o registro, em 1982, de dois casos de AIDS, os quais foram atrelados a contágio sexual, em particular, em relações homossexuais. Tal constatação também foi ressaltada nos estudos realizados por Zago (2009) o qual destaca que:

[...]a Aids atingiu, em primeiro lugar, corpos de homens gays em territórios econômica e politicamente privilegiados: Estados Unidos e Europa. Portanto, diferentemente das epidemias que grassam em outros locais do mundo, aquilo que se chamou primeiramente de “câncer gay” contou com uma expressiva divulgação midiática, bem como com uma forte reação dos setores biomédicos e sociais. O corpo do homem gay ganhava, assim, notoriedade como um agente infeccioso no seio de uma dada moral estabelecida. Essa foi uma das marcas do HIV/Aids, que perdurou durante muito tempo e que, ainda hoje, a despeito de todas as transformações no padrão de distribuição epidemiológico e social da epidemia, permanece como um resquício passível de ser identificado nos corpos. (ZAGO,2009)

Em seus estudos, o pesquisador Seffner (1995) a define como,

A sigla AIDS significa Síndrome da Imunodeficiência Adquirida. Explicando seus termos componentes, vemos que ela é uma síndrome porque apresenta um grupo de sinais e sintomas muito grande: da *imunodeficiência* porque ela se caracteriza como uma deficiência do sistema imunológico (sistema de defesa) do corpo humano; *adquirida* porque não é uma doença necessariamente hereditária, o indivíduo a adquire se não se prevenir (grifos do autor). A AIDS resulta de uma infecção pelo vírus HIV (vírus da imunodeficiência adquirida), que provoca lesões no sistema imunológico. O sistema imunológico trata das nossas defesas, é dele a tarefa de reconhecer os agentes de infecção e eliminá-los, e com isso ele contribui para nossa identidade biológica, reconhecendo aquilo que pertence ou não ao nosso organismo. Devido à infecção pelo HIV, o sistema imunológico perde a capacidade de proteger o corpo contra certas infecções ou cânceres, alguns

dos quais se tornam causa direta da morte. Essas doenças são chamadas, no quadro da AIDS, de infecções oportunistas (SEFFNER, 1995, p. 43).

Seffner (1995) salienta ainda que nos países de origem latina, utiliza-se muitas vezes a sigla SIDA (Síndrome da Imunodeficiência Adquirida) destaca ainda o fato de que,

[...] O que tem sido chamado de AIDS, de maneira um tanto generalizante e simplista, não é apenas uma doença ou conjunto de doenças decorrentes da imunodeficiência causada pelo HIV ao atacar células sanguíneas responsáveis pelas defesas imunitárias. É, além disso, e principalmente, uma história social onde, ao caminho seguido pelo HIV ao instalar-se no corpo da sociedade humana, somam-se os efeitos sociais do vírus ideológico do pânico, dos preconceitos e da discriminação (Seffner, 1995, p.43).

Esta situação inicial, de nomear a doença como somente de indivíduo homossexual masculino, criou no imaginário social uma negligência no cuidar de si. Segundo Westrupp (apud ROCHA, 2007, p.51):

O sectarismo dos meios de comunicação e da comunidade científica ao revelar as formas de contaminação, definindo a AIDS como uma doença “gay”, levou a sociedade como uma toda a esquecer-se de si própria, deixando inclusive de lado a possibilidade de ocorrer a “feminilização” da epidemia, como se homens não transmitissem o vírus às mulheres e/ou vice-versa. O autor resume o que ocorreu no Brasil e no mundo, mas não somente essa informação “tranqüilizou” as vítimas em potencial da Aids; mas, no início, acreditou-se que a difusão da doença pertencia ao círculo gay de alta renda, que realizava viagens aos Estados Unidos, sendo inclusive ironizada chamando a mesma de “uma doença chique”.

A população ficou em choque na época por saberem que grandes personalidades como os cantores Freddy Mercury⁵ e Cazuza (1990)⁶ e o sociólogo Herbert de Souza - Betinho (1997), os quais haviam sido contaminados pela doença. No caso, o Betinho não se enquadrava no grupo de risco, pois como era hemofílico contraiu a doença a partir de uma transfusão de sangue e passou a defender um tratamento digno aos doentes. Tal situação passou a denotar a vulnerabilidade de todos diante da mesma para além dos grupos considerados de risco (no caso, H5). Todavia, embora tais casos tenham tido grande repercussão nas mídias da época, segundo Seffner (1995), os primeiros casos da AIDS no Brasil, foram detectados pela médica dermatologista Valéria Petri, entre dois rapazes que

⁵ Freddie Mercury, nome artístico de Farrokh Bulsara (Zanzibar, 5 de setembro de 1946 — Londres, 24 de novembro de 1991), foi um cantor, pianista e compositor britânico, que ficou mundialmente famoso como fundador e vocalista da banda britânica de rock Queen, que ele integrou de 1970 até o ano de sua morte.

⁶ Cazuza (1958-1990) foi um cantor e compositor brasileiro, um dos maiores ídolos da geração do pop-rock dos anos 80. Em fevereiro de 1989, Cazuza declarou publicamente que era portador do vírus da AIDS.

havia estado nos EUA. Entretanto, a primeira vítima fatal foi o famoso costureiro da época conhecido como Marquito, cuja morte foi intensamente divulgada pela imprensa.

Em seus estudos, Seffner (1995) chama a atenção para o fato de que com a descoberta da AIDS intensificou-se a proliferação de discursos normativos e disciplinadores com relação à sexualidade humana, ao mesmo tempo, em que culpabilizavam os sujeitos pela contaminação, vinculada o contágio a práticas de promiscuidade e libertinagem pautada numa visão do senso comum conservador.

Segundo a opinião conservadora, a emergência da AIDS “confirma tudo o que se dizia sobre os abusos do sexo”. A maioria dos indivíduos tomou contato com os “avanços” da revolução sexual na sua face mais superficial: a nudez pública, expressa no carnaval, no topless, nas praias de nudismo, nas peças de teatro e filmes. O cidadão média parece ter-se relacionado com isso de uma forma ambígua: por um lado, um desejo muito grande de ver, de sentir, de aproximar-se de toda essa “libertação”, mas sem comprometer-se. Por outro, uma opinião bastante moralista com relação a essas práticas. Nesse quadro, a emergência da AIDS funciona como catalisadora desse moralismo, que parece finalmente ter encontrado apoio na realidade, para efetuar seu discurso de condenação. Daí vem a opinião corrente de indivíduos de que “essa liberação tinha que acabar, estava demais, não havia limites, um dia isso ia acontecer, o aviso está chegando tarde”. Ainda na visão do senso comum conservador, parece “normal, que a epidemia atinja os homossexuais, as prostitutas, drogados, bissexuais, o que confirma que a sexualidade de quem tem AIDS é toda desviante, se dá toda no terreno da antinomia. Esse raciocínio culpabiliza uns e coloca outros a salvo da epidemia (Seffner, 1995, p. 48)

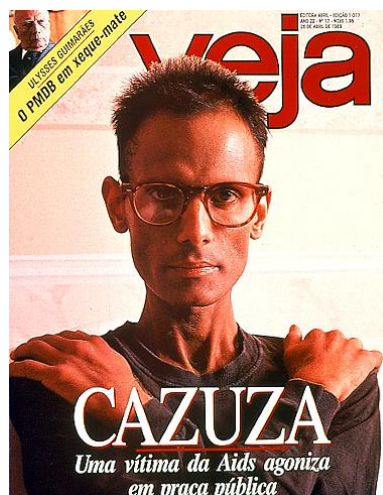
O pânico moral gerado pela descoberta da síndrome bem como o fato de que a sociedade a considerava como uma punição de pessoas promíscua foi retratado em vários filmes e documentários veiculados entre o final da década de 1980 e nos anos de 1990. Entre tais filmes cito, por exemplo, o *Filadélfia* (1993) que aborda a trajetória de um promissor advogado soropositivo que atua num tradicional escritório da Filadélfia nos Estados Unidos e que é demitido após seus chefes descobrirem que está AIDS. A fim de buscar seus direitos, o jovem tem sua causa recusada por nove advogados a quem procura para entrar com uma ação contra a empresa. Como última tentativa, procura um advogado que inicialmente recusa também demonstrando um comportamento homofóbico além do pânico de contrair a doença apenas pelo contato físico (tais como um aperto de mão). No decorrer do filme, são retratados os discursos produzidos pela sociedade com relação à doença tal como a culpabilização da

vítima e o fato de ser considerada inicialmente como uma doença oriunda da perversão sexual sendo considerada como o “câncer gay” (em alusão aos grupos de risco e a um dos sintomas o Sarcoma de Kaposi – um tipo de câncer). O filme retrata ainda o fato de que além do receio com a morte física, as pessoas infectadas pelo vírus do HIV sofrem também por vivenciarem uma espécie de “morte social”, ou seja, acabem sendo vítimas de preconceitos e também de exclusão. Este termo foi utilizado por uma das personagens do filme Filadélfia e evidencia ainda o quanto na atualidade a expressão “aidético/a” carrega tal preconceito, conforme evidenciado na pesquisa realizada por Rocha (2007) que o utiliza para enfatizar o peso que esta determinação produz nos corpos dos indivíduos portadores do HIV. Segundo a autora, a partir da década de 1980, o termo passa a ser “AIDÉTICO” passa a ser cunhado no imaginário social sendo proferido para designar aqueles que estavam à margem da sociedade.

Esse nome estava designado a carregar o estigma do corpo perigoso, do ser indesejável, não poupando nenhum tipo de indivíduo, seja ele uma criança, um adolescente, uma mulher, um homem ou idoso. Sobre esses indivíduos, assustadoramente, pairava a morte e, em pleno século XXI, paira sobre muitos o preconceito do termo “AIDÉTICO” (ROCHA, 2007, p.51).

Além do termo Aidético vinculado ao preconceito e ao estigma, o corpo de tais sujeitos também foi representado através de imagens vinculadas a ideia de morte ou de doença em fase terminal. Como exemplo, cito que não raras vezes, as reportagens veiculadas sobre os sujeitos portadores do HIV remetem a corpos frágeis, doentios e imagens quase que cadavéricas, como a capa da revista Veja de abril de 1989. A imagem traz a foto do cantor brasileiro Cazuzza com a manchete “Cazuzza - uma vítima da AIDS agoniza em praça pública”, tornando-o como referência para enunciar o corpo do sujeito portador da AIDS.

Figura 2: Capa da Revista Veja (1989): Cazuzza: uma vítima da AIDS que agoniza em praça pública



FONTE: Revista Veja

Retomando a discussão inicial desta seção no qual cito o estudo sobre músicas e juventudes, lembro da letra da canção de Cazuza, na qual o próprio cantor retrata o preconceito enfrentado pelo fato de ter contraído a AIDS e sua luta para a sobrevivência diante das poucas expectativas de cura e de tratamento existentes à época. O trecho selecionado abrange todos os conflitos que vivia no Brasil e ele mesmo naquela época, com a sua doença principalmente (AIDS).

*O tempo não para*⁷

[...]

Eu não tenho data pra comemorar
 Às vezes os meus dias são de par em par
 Procurando agulha num palheiro
 Nas noites de frio é melhor nem nascer
 Nas de calor, se escolhe: é matar ou morrer
 E assim nos tornamos brasileiros
 Te chamam de ladrão, de bicha, maconheiro
 Transformam o país inteiro num puteiro
 Pois assim se ganha mais dinheiro

[...]

Em suas análises, Jeffrey Weeks (2000) apresenta subsídios para o debate em torno da sexualidade e das estratégias de disciplinamento dos corpos e do comportamento sexual a partir da proliferação do HIV/AIDS. Em suas análises demonstra que a imagem do aidético veiculada nas mídias corroborou de forma significativa para a construção do próprio sujeito, ao qual são vinculados determinados atributos e comportamentos. Isto é, ao mesmo tempo em que a imagem é produzida ela também produz o sujeito com AIDS e legitima determinados discursos sobre a doença que ainda circulam na atualidade.

Começamos com uma imagem que tem assombrado nossa imaginação na última década: os olhos afundados, os corpos macilentos, a coragem e aparentemente resistência das pessoas com AIDS. Numa época na qual assistimos, como nunca antes, a celebração de corpos saudáveis perfeitamente harmoniosos, uma nova síndrome emergiu e devastou o corpo. Estava estreitamente conectada com o sexo — com atos através dos quais o vírus HIV poderia ser transmitido. Muitas pessoas, e não apenas na imprensa sensacionalista, apresentavam a AIDS como um efeito necessário do excesso

⁷ Disponível em: <https://nesello.wordpress.com/2010/02/05/analise-musica-o-tempo-nao-para/> acessado em: 17/07/2016.

sexual, como se os limites do corpo tivessem sido testados e não tivessem passado no teste da "perversidade sexual". De acordo com os mais óbvios comentaristas, era a vingança da natureza contra aqueles que transgrediam seus limites.

A construção de todo um aparato discursivo sobre a pessoa portadora do HIV/AIDS bem como dos comportamentos atribuídos à contaminação também difundiram estratégias de controle dos corpos e dos sujeitos, os quais ao mesmo tempo produzem e são produzidos em tais discursos. Como exemplo de tais estratégias, reporto-me ao estudo realizado por Miriam Dazzi (2007), o qual teve como foco de análise a mídia educativa produzida pelo Ministério da Saúde, em parceria com o Ministério da Educação com o objetivo de capacitar professores/as na prevenção do HIV/AIDS. Tal pesquisa buscou investigar e problematizar os discursos acerca da doença e da adolescência divulgados na série de vídeos educativos denominada *Prevenir é Sempre Melhor* – veiculada dentro do Salto para o Futuro, que à época integrava a programação da TV Escola sob o título *É preciso estar atento e forte*. Em suas análises a autora enfatiza,

[...] Entendo que esses programas endereçados a “ensinar” sobre o HIV/AIDS idealizam um professor e um adolescente que consideram ser desejáveis para certos padrões culturais e morais, assim como selecionam saberes considerados importantes dentro desses mesmos padrões para produzir uma escola, um currículo e também um padrão de saúde para todos (DAZZI, 2007, p. 154).

Na continuidade de suas análises a autora problematiza a forma com que tais programas acabam por difundir determinados padrões de conduta sexual, ao mesmo tempo, em que corroboram para a culpabilização dos sujeitos infectados pelo HIV/AIDS. Nas cenas apresentadas por adolescentes durante o programa televisivo, a AIDS é tratada como uma doença passível de ser evitada, em particular, a partir da prevenção e da responsabilidade das meninas pelo uso do preservativo (camisinha). Tais representações de HIV/AIDS concorrem no sentido de construir a AIDS como uma doença incurável e que se pega se não houver cuidado, ligando-a ao sexo e mais especificamente às práticas sexuais. Para a autora, as meninas acabam sendo responsabilizadas pela negociação com relação ao uso, reforçando um padrão de comportamento sexual baseado na heteronormatividade.

[...] Essas são associações à forma como as mulheres estariam se apresentando como mais vulneráveis pelo fato de terem “confiado” demais em alguém que “só queria se aproveitar delas”, mas que “não as ama”, pelo

menos do modo como talvez elas merecessem ser “amadas/cuidadas/protegidas (DAZZI, 2007. p.156).

Cabe ressaltar ainda que, conforme Dazzi (2007, p. 157), tais estratégias educativas veiculadas em diferentes mídias (em particular, nos vídeos educativos) são endereçadas aos adolescentes colocando em circulação determinados discursos que são normalizados em enunciados, crenças e proposições. Tais discursos legitimam determinados “modos femininos” de ser adolescente e “modos masculinos” de ser adolescente em “tempo de AIDS”. Segundo a autora é preciso considerar que,

[...] o que está em foco é o uso ou não da camisinha para evitar AIDS e a responsabilidade que as meninas têm na negociação do seu uso. Caberia a elas terem também presente que “os meninos podem transar livremente com quantas meninas quiserem” – isso lhes é autorizado e garantido socialmente - , e, então, a elas caberia a tarefa de “cuidar de si”, não se deixando infectar e, tampouco engravidar (Dazzi, 2007, p.157).

O estudo acima mencionado contribui para o entendimento de que a educação para a prevenção do HIV/AIDS é um tema complexo que inclui para além das questões relacionadas à adoção de condutas sexuais e comportamentos preventivos. Abordar tal temática implica que enquanto educadores/as possamos problematizar e desnaturalizar os discursos hegemônicos e heteronormativos que pautam as ações educativas.

Vejamos na próxima seção como tais questões são abordadas em diferentes artefatos culturais utilizados no âmbito das práticas educativas e no currículo das escolas brasileiras.

2.1 PEDAGOGIAS DA SEXUALIDADE E AS ESTRATÉGIAS EDUCACIONAIS PARA A PREVENÇÃO DO HIV/AIDS NO BRASIL

Em termos de Brasil, a descoberta da AIDS no início da década de 1980 trouxe toda uma gama de artefatos culturais (como reportagens acompanhando a agonia dos infectados e produção de inúmeras campanhas de prevenção) amplamente divulgadas nas mídias da época. Tais discursos preconizavam um moralismo com relação às condutas sexuais e a culpabilização dos sujeitos.

A doença passou a ser tema de documentários, reportagens de revistas, filmes, entre outros. As personalidades famosas infectadas eram amplamente acompanhadas em seu calvário na luta pela vida, a exemplo das inúmeras reportagens sobre o cantor Cazuza, veiculadas pela imprensa da época, conforme destacado anteriormente. Segundo os estudos de Weeks (2000),

[...] assistimos, como nunca antes, a celebração de corpos saudáveis perfeitamente harmoniosos, uma nova síndrome emergiu e devastou o corpo. Estava estreitamente conectada com o sexo — com atos através dos quais o vírus HIV poderia ser transmitido. Muitas pessoas, e não apenas na imprensa sensacionalista, apresentavam a AIDS como um efeito necessário do excesso sexual, como se os limites do corpo tivessem sido testados e não tivessem passado no teste da "perversidade sexual". De acordo com os mais óbvios comentaristas, era a vingança da natureza contra aqueles que transgrediam seus limites (p.25).

Em contrapartida, diante do pânico gerado pela descoberta da AIDS, as campanhas de prevenção pautavam-se num discurso moralista e disciplinador com relação às condutas sexuais, vinculando-as a defesa da família, conforme evidencia Seffner (1995). Além disso, a ampla divulgação de reportagens acerca da proliferação da doença também trouxe mudanças nas relações sexuais, a partir da divulgação da necessidade do uso de preservativos, centrando-se tais campanhas para a população LGBT⁸ (Lésbicas, Gays, Bissexuais e Transgêneros, Transexuais e Simpatizantes).

⁸ Disponível em <http://www.lgbt.pt/significado-lgbt/> acessado em 01/06/2016.

O estudo realizado por Seffner (1995) aponta que a primeira epidemia é a da infecção pelo HIV, que passa despercebida pela sociedade. A segunda epidemia é a própria AIDS, o aparecimento das doenças infecciosas que se instalam em função da imunodeficiência provocada pela infecção do HIV. A terceira refere-se a ampliação da doença entre sujeitos não enquadrados nos grupos de risco (tais como hemofílicos e mulheres casadas) que trouxe à tona a ampliação do conceito de risco para o conceito de epidemia, na qual não há inocentes ou culpados. A partir da análise de reportagens veiculadas em jornais durante os anos de 1992 e 1993, Seffner (1995, p.56-57) chama a atenção para o fato de que tais notícias evidenciaram que a AIDS é uma doença que atinge a todos os estratos sociais. Todavia, destaca que as campanhas de prevenção da época, acabaram por ampliar ainda mais o pânico do que difundir informações com relação à doença, citando como o exemplo, o slogan da campanha de 1993, cujo slogan é “Se você não se cuidar a AIDS vai te pegar”. A campanha apresenta os seguintes diálogos:



Mulher 1: Eu tive tuberculose. Eu tive cura.
 Homem 1: Eu tive sífilis. Eu tive cura.
 Mulher 2: Eu tive câncer. Eu tive cura
 Homem 2: Eu tenho AIDS. Eu não tenho cura.
 Narrador: Nos próximos dias, nos próximos meses, no próximo ano, milhares de pessoas vão pegar AIDS e vão morrer. Se você não se cuidar, a AIDS vai te pegar. (Brasil⁹, 2003 – Campanha do Ministério do Saúde).

Figura 3: Campanha do Ministério da Saúde.

Os artefatos culturais acima mencionados (quer seja o filme tanto quanto o anúncio do Ministério da Saúde) nos permitem problematizar como tais discursos são produzidos e ao mesmo tempo produzem os sujeitos, no caso, infectados pelo vírus HIV. Neste sentido, enquanto educadores/as precisamos compreender que as pedagogias de gênero e sexualidade produzem e são produzidas em diferentes espaços para além dos muros da escola. Segundo Guacira Louro (2000) é preciso considerar que,

[...] as muitas formas de fazer-se mulher ou homem, as várias possibilidades de viver prazeres e desejos corporais são sempre sugeridas, anunciadas, promovidas socialmente (e hoje possivelmente mais explícitas do que antes).

⁹ Disponível em https://www.youtube.com/watch?v=lc_sbLoggRE acessado em 20/10/2016.

São também, renovadamente, reguladas, condenadas ou negadas. Na verdade, desde os anos 60, o debate sobre as identidades e as práticas sexuais e de gênero está a tornar-se cada vez mais acalorado, especialmente provado pelo movimento feminista, pelos movimentos gays e de lésbicas e sustentado também por aqueles e aquelas que se sentem ameaçados por estas manifestações (p. 60).

Ao analisar o surgimento dos primeiros manuais e práticas de educação sexual no contexto da educação brasileira, a pesquisadora Diana Vidal (2008) chama a atenção para o fato de que é preciso ter cautela quanto aos conselhos e às prescrições científicas, uma vez que a produção das mesmas é marcada por valores morais e culturais. Cita que a abordagem da educação sexual não atingiu o status de disciplina uma vez que, desde os primeiros manuais publicados na década de 1930, o que se pretendia era apenas focar em lições sobre reprodução humana.

[...] no ensino de estudos da natureza, na escola primária, e de biologia, na secundária, o aluno e a aluna passassem a receber lições sobre a reprodução humana. A iniciação às questões do sexo, propriamente dita, ficaria a cargo de pais, médicos e professores e professoras em palestras individuais. O fato de não ser nomeada explicitamente como disciplina, não implica, no entanto que a educação sexual não estivesse presente no cotidiano das escolas primárias e secundárias, seja nos cuidados higiênicos de prevenção à sífilis, na preocupação em vigiar os banheiros, no controle dos comportamentos sexuais infantis e púberes e na ação de “recuperação do delinquente”, seja de maneira disfarçada no conteúdo das aulas de ciências naturais (Vidal, 2008, p. 32).

Os estudos realizados por Reis & Ribeiro (2004) sobre a institucionalização do conhecimento sexual no Brasil citam a fundação do Círculo Brasileiro de Educação Sexual (CBES) por José de Albuquerque em 05/07/1933, no Rio de Janeiro. Tal associação se caracterizava como sem fins lucrativos e apartidários e seu objetivo era difundir a educação sexual para a população. O CBES funcionou por durante aproximadamente doze anos e realizava sessões públicas semanais (quartas-feiras), apresentação e produção de filmes, produção de folhetins, organização de pinacoteca, programas de rádio, entre outros, visando difundir conhecimentos sexuais a pessoas interessadas.

Segundo Vidal (2008), uma das ações desenvolvidas pelo CBES foi a instituição do Dia do Sexo, o qual passou a ser comemorado no Rio de Janeiro no dia 20 de novembro de 1935, ocasião em que eram difundido programa com a colaboração de várias rádios abordando questões relacionadas a educação sexual e também a execução de um “Hino à

educação sexual” escrito por Albuquerque e gravado pela RCA Victor. Em tais discursos, o beijo era colocado sobre suspeita, considerado como importante transmissor de doenças sexuais. A autora ressalta que curiosamente, esse entendimento passou a ser veiculado na década de 1980 atrelando o beijo como fator de perigo para o contágio e disseminação do vírus HIV.

Nos anos de 1980, novamente o tema da educação sexual apareceu com destaque na imprensa. O interesse pela sexualidade nas escolas despontou em razão do crescimento da “gravidez indesejada” e do receio a proliferação da AIDS. Curiosamente, tal qual nos anos de 1920 e 1930, circularam conselhos nos meios de comunicação de massa alertando para o perigo do beijo como veículo de disseminação do vírus HIV. O debate então iniciado teve entre suas repercussões a introdução da orientação sexual nas escolas, na década de 1990. Tratada (também nesse momento) como não disciplina, mas como conteúdo escolar, emergiu sob a forma de temas transversais nos Parâmetros Curriculares Nacionais – PCNS (VIDAL, 2008, p. 32).

Louro (2000), ao analisar os processos de escolarização dos corpos e das mentes, quer seja nos manuais, quer seja nas práticas desenvolvidas no âmbito das escolas chama a atenção para o fato de que,

[...] currículos, normas e procedimentos de ensino, teorias, linguagem, materiais didáticos, processos de avaliação são, seguramente, lócus das diferenças de gênero, sexualidade, etnia, classe – são constituídos por essas distinções e, ao mesmo tempo, seus produtores. Todas essas dimensões precisam, pois, ser colocadas em questão. É indispensável questionar não apenas o que ensinamos, mas o modo como ensinamos e que sentidos nossos/as alunos/as dão ao que aprendem. Atrevidamente é preciso, também, problematizar as teorias que orientam nosso trabalho (incluindo aqui, até mesmo aquelas teorias consideradas “críticas”). Temos que estar atentos, sobretudo para a nossa linguagem, procurando perceber o sexismo, o racismo, o etnocentrismo que ela freqüentemente carrega e institui(p.64).

A partir de tal entendimento, busco refletir sobre as minhas próprias ações enquanto educadora, em particular, no que tange ao enfoque da temática HIV/AIDS no contexto onde atuo. Neste sentido, este estudo busca vai além de apresentar um relato de uma experiência vivenciada, mas acima de tudo compreender quais as concepções que os adolescentes possuem e de que forma as pedagogias de sexualidade ensinam e constituem tais sujeitos.

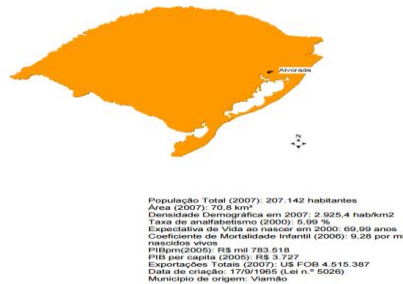
Dito isso, na próxima seção, apresento uma breve contextualização do município e da escola onde o estudo foi desenvolvido.

2.2 HIV/AIDS NO CONTEXTO MUNICIPAL PESQUISADO

A cidade de Alvorada nasceu como Distrito de Viamão, com a denominação Passo do Feijó, através da lei nº. 216, de 22 de setembro de 1952. Aprovada pela Câmara, a Lei foi promulgada e sancionada pelo então prefeito de Viamão, Tenente Coronel Ponçalino Cardoso da Silva. Em 17 de setembro de 1965, a Lei Estadual nº. 5026, garantiu a emancipação política do Passo do Feijó, que passou a chamar-se Alvorada.

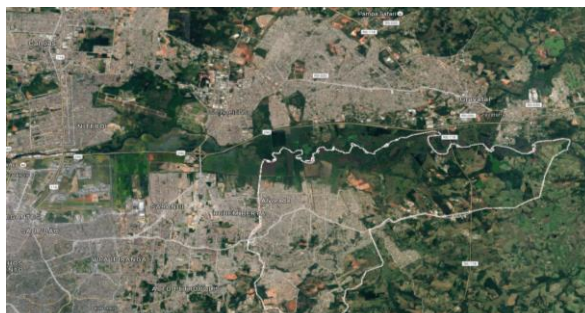
O impacto da mudança da política econômica dos últimos 10 anos no Brasil está alterando o perfil socioeconômico da cidade, com a ampliação de investimentos em educação, saúde, segurança, meio ambiente e infraestrutura. O município, com 71 (setenta e um) quilômetros de extensão territorial faz divisa com Cachoeirinha, Porto Alegre, Viamão e Gravataí. Mais de 200 mil pessoas tornam Alvorada uma das cidades mais populosas da região, com um grande potencial para o desenvolvimento econômico, seja pela sua localização que favorece a logística para empreendimentos industriais, seja pelo crescente potencial aquisitivo de sua população que ingressa em novos patamares de consumo favorecendo a expansão do comércio e serviços.

MAPA 1: LOCALIZAÇÃO DA CIDADE NO MAPA DO RIO GRANDE DO SUL



Fonte: Fundação de Economia e Estatística – FEE¹

MAPA 2: LOCALIZAÇÃO DA CIDADE NO MAPA METROPOLITANO



Fonte: Google Street¹

Conforme Waiselfisz¹⁰ (2014) o município lidera o ranking de homicídios no Rio Grande do Sul. A cidade tem um índice de 70,9 homicídios por 100 mil habitantes, analisando a taxa média de mortes em 2014 e ocupa o 28º lugar no índice de homicídios do país. Outro fator a ser destacado é que segundo o Boletim Estatístico de Epidemiologia¹¹ (2014), o município de Alvorada é o décimo primeiro no ranking de número de casos notificados de contaminação por HIV. Tais dados revelam ainda que os adolescentes estão entre os principais grupos de vulnerabilidade, conforme podemos observar nos gráficos abaixo:

TABELA 1: Ranking dos 100 municípios com mais de 100 mil habitantes segundo índice composto. Brasil, 2010 a 2014.

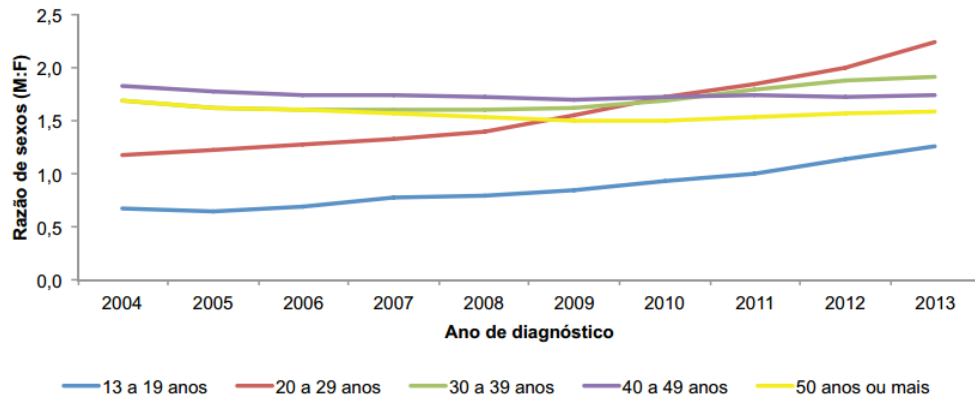
Ranking	Município	UF	Índice	Taxa de detecção	Δ taxa de detecção	Taxa de mortalidade	Δ taxa de mortalidade	Taxa de detecção <5 anos	Δ taxa de detecção <5 anos	Média do primeiro CD4
1º	Porto Alegre	RS	7,595	97,3	-4,6	28,0	-1,7	23,2	-1,3	348
2º	Itajaí	SC	6,800	77,5	5,5	24,1	-0,5	7,6	-4,0	392
3º	Sapucaia do Sul	RS	6,719	53,6	-2,9	16,7	-0,6	22,6	5,7	369
4º	Tubarão	SC	6,633	48,1	-0,6	10,3	-1,1	35,2	0,0	326
5º	Viamão	RS	6,559	54,2	-0,3	20,9	1,2	10,0	1,5	296
6º	Bragança	PA	6,510	40,8	3,7	8,7	-0,4	19,5	6,1	269
7º	Bacabal	MA	6,342	37,3	8,9	12,4	3,9	0,0	0,0	245
8º	Canoas	RS	6,313	58,5	-3,2	21,4	-1,1	12,2	1,1	343
9º	São Luís	MA	6,297	58,5	0,8	10,6	-0,1	12,9	1,9	254
10º	Belém	PA	6,272	47,8	-0,3	15,5	0,6	13,6	-1,3	278
11º	Alvorada	RS	6,244	75,3	-5,0	23,6	-2,5	13,4	-3,4	339
12º	Paranaguá	PR	6,201	56,9	2,1	23,4	-0,2	5,9	-4,5	303
13º	Rondonópolis	MT	6,199	42,7	4,4	9,0	0,8	12,7	1,6	435
14º	Rio Grande	RS	6,197	72,1	-0,5	22,4	0,1	5,4	-4,1	316
15º	Manaus	AM	6,119	56,1	2,6	11,6	-0,2	10,1	-0,3	278
16º	Vitória	ES	6,064	47,2	-2,0	8,7	-0,2	26,8	-5,2	393
17º	Cabo de Santo Agostinho	PE	6,004	42,8	5,1	12,0	0,7	7,0	0,0	306
18º	Balneário Camboriú	SC	5,992	72,9	-3,3	12,2	-0,8	5,4	0,0	359

Fonte: Boletim Epidemiológico HIV/AIDS – ANO 2014 tabela: 28,pág 51

¹⁰ Disponível em http://www.mapadaviolencia.org.br/pdf2014/Mapa2014_JovensBrasil_Preliminar.pdf acessado em 15/06/2016.

¹¹ Disponível em http://www.aids.gov.br/sites/default/files/anexos/publicacao/2014/56677/boletim_2014_final_pdf_15565.pdf acessado em 15/06/2016.

GRÁFICO 1: Casos registrados no Brasil, conforme a faixa etária dos sujeitos (referente ao período de 2004 a 2013)



Fonte : Boletim Epidemiológico HIV/AIDS –ANO 2014.

Diante de tal cenário no qual atuo como docente compartilho com o entendimento da pesquisadora Jeane Silva (2010), que ao estudar sobre juventudes vivendo com HIV, evidencia o fato de que

[...] há uma ideia polarizada em relação a formação de profissionais de educação para o tratamento das questões já mencionadas nos ambientes escolares. Por um lado, o fato de não “estar preparado/a” parece que desobriga os/as profissionais a falar sobre os temas e, principalmente, a intervir em relação à violência, sofrida pelos alunos e alunas “diferentes”, que ocorrem na escola. Por outro lado, parece haver uma ideia de que a “preparação” é algo fixo, que um dia atingiremos, ou que apenas alguns/algumas atingem. E com isso quero dizer que, o fato de um/a profissional da educação não se sentir apto para refletir com seus alunos e alunas sobre as questões relativas a temas como gênero e sexualidade não o desobriga a intervir sempre que houver situações de estigma e discriminação na escola. Quero dizer, também, que não acredito que haja um momento no qual “estejamos preparados”, pois, por mais experientes que sejamos no tratamento dessas questões com nossos/as alunos/as, há sempre perguntas que não conseguimos responder e situações em que não sabemos como intervir. E isso faz parte do processo continuado de formação! (SILVA, 2010, p. 4)

Logo, enquanto educadora do contexto pesquisado me senti desafiada a ampliar meus horizontes acerca da temática referente a adolescência e a disseminação do HIV/AIDS. Para tanto, busquei investigar quais os conhecimentos que tais jovens possuem acerca deste assunto para que a partir de tais entendimentos possamos problematizá-los e ampliá-los ou

redimensioná-los de forma a contribuir para romper preconceitos e estigmas com relação à doença, formas de contágio e prevenção. Entendo que mais do que um conteúdo escolar, tal temática envolve a vida e a constituição de sujeitos inseridos num determinado contexto histórico e cultural, que ao mesmo tempo se constituem a partir de suas identidades e das relações que estabelecem entre si e com o contexto.

No próximo capítulo apresento a análise de tais dados produzidos no contexto escolar pesquisado.

3. PERCURSOS METODOLÓGICOS DA PESQUISA E O CONTEXTO ESCOLAR PESQUISADO

A pesquisa foi de cunho qualitativo, produzindo os dados a partir de um estudo de caso, tendo como universo de pesquisa uma escola pública de Alvorada. Como ferramenta para produção dos dados utilizamos o grupo focal com os estudantes dessa escola, bem como a aplicação de um questionário semiestruturado. No que tange ao enfoque metodológico, o estudo se caracteriza como pesquisa ação, a qual é definida por Thiollent (1985 apud GIL, 2008, p. 30) como:

[...] um tipo de pesquisa social com base empírica que é concebida e realizada em estreita associação com uma ação ou com a resolução de um problema coletivo e no qual os pesquisadores e os participantes representativos da situação ou do problema estão envolvidos do modo cooperativo ou participativo.

Primeiramente foi realizada a revisão de literatura acerca da temática e, posteriormente, a produção de dados mediante a aplicação de questionário semiestruturado e realização de grupo focal com estudantes do Ensino Médio no contexto pesquisado. Quanto ao grupo focal, a pesquisadora Sônia Gondim (2003) define que o grupo focal ou grupo de discussão como técnica de pesquisa qualitativa, a qual apresenta-se como uma possibilidade para compreender a construção das percepções, atitudes e representações sociais de grupos humanos acerca de um tema específico. Tal escolha metodológica foi realizada a partir da definição dos objetivos e problema da pesquisa, uma vez que segundo a autora,

O ponto de partida para se levar a termo um projeto de pesquisa que esteja apoiado no uso de grupos focais é a clareza de propósito. As decisões metodológicas dependem dos objetivos traçados. Isto irá influenciar na composição dos grupos, no número de elementos, na homogeneidade ou heterogeneidade dos participantes (cultura, idade, gênero, status social etc), no recurso tecnológico empregado (face-a-face ou mediados por tecnologias de informação), na decisão dos locais de realização (naturais, contexto onde ocorre, ou artificiais, realizados em laboratórios), nas características que o moderador venha a assumir (diretividade ou não-diretividade) e no tipo de análise dos resultados (de processos e de conteúdo: oposições, convergências, temas centrais de argumentação intra e intergrupais, análises de discurso, lingüísticas etc). (GONDIM, 2003, p. 153)

A opção por aplicação de questionário semiestruturado foi uma estratégia utilizada para atingir um dos objetivos do estudo que foi o de mapear os conhecimentos dos alunos sobre HIV/AIDS bem como suas dúvidas a respeito. Todavia, antes da aplicação do

questionário foram distribuídos 92 (noventa e dois) Termos de Consentimento Livre e Esclarecido - TCLE (Apêndice) para que os respectivos responsáveis pelos adolescentes manifestassem a ciência e anuência quanto à participação na pesquisa. Deste total, retornaram 71 (setenta e um) Termos assinados, sendo 36 alunos do terceiro ano e 35 do primeiro ano. A opção metodológica pela escolha de tais grupos buscou analisar quais os conhecimentos prévios (no caso do 1º ano) antes de intervenções pedagógicas na escola e quais os conhecimentos decorrentes de tais ações (no caso do 3º ano). Cabe destacar ainda que com relação ao grupo de adolescentes do 1º ano os participantes têm entre 15 anos e 16 anos. Já a turma do 3º ano, a faixa etária varia entre 17 anos a 36 anos.

Como um primeiro contato frente a essa pesquisa fui nas turmas me apresentar não como professora titular das turmas, mas sim como aluna pesquisadora de uma instituição federal de um curso de licenciatura com uma proposta inovadora. Quando tive esse contato expondo a minha ideia perante as turmas fui bem questionada sobre a minha formação, e todos ficaram com dúvidas e pesavam que eu já era formada. A turma de iniciantes já tinha tido aula comigo em 2014 quando ambos estavam no 8º ano do Ensino Fundamental onde eu assumia o papel de professora titular da disciplina de Ensino Religioso e a turma de concluintes eu comecei um contato com esse ano de 2016 quando assumi a turma como professora do componente curricular de Química titular da turma. Ambas as turmas queriam saber o porquê eu estava fazendo essa pesquisa de um tema em que não tinha nada a ver com a minha formação. Expliquei qual era a proposta e informei que minha graduação me habilitava para duas áreas, os mesmos me questionaram, pois eles até então entendiam que a temática acerca da sexualidade deveria ser tratada apenas nas aulas de Biologia.

A aplicação do questionário para a turma do 1º ano ocorreu durante uma aula de Português, gentilmente cedida pela colega. Na ocasião, a referida professora pediu para se retirar da sala, pois não queria intervir nas respostas dos alunos. A turma demonstrou grande empolgação relatando que seria a primeira vez que estariam falando de sexualidade para além da adoção de medidas prevenção de doenças, tais como colocar uma camisinha (preservativo) e reprodução humana (gravidez, anticoncepcionais, etc.). Tais temas haviam sido tratados no decorrer das aulas de Biologia, mas os adolescentes gostariam de incluir outros debates em torno do assunto. Num primeiro momento, ao receberem o questionário os alunos ficaram bem surpresos e indignados por não saberem da realidade do seu município, ou seja, não

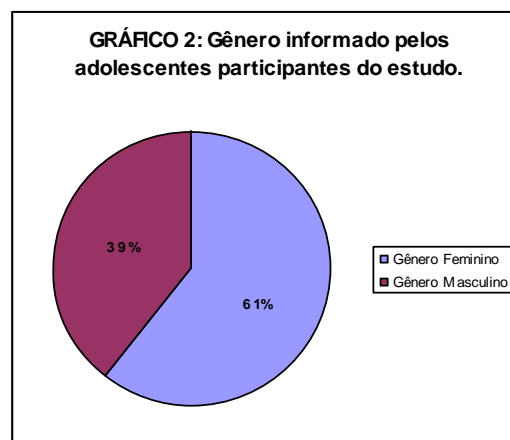
tinham a menor ideia de que o município possui uma alta incidência de HIV/AIDS entre adolescentes.

Já na turma dos concluintes o questionário foi aplicado em uma aula também cedida por uma colega, no caso, da área de Matemática que optou por ficar na sala, mas interferiu em nenhum momento da atividade. Os alunos ao receber o questionário demonstravam saber muito sobre o assunto, o que era manifestado por expressões do tipo: “*Ah... Isso eu tiro de letra!*” Todavia, na hora de responder as questões propostas, muitas destes mesmos alunos acabaram pedindo ajuda da pesquisadora tanto quanto da professora de Matemática para esclarecerem dúvidas a respeito. Alguns chegaram até a sugerir uma pesquisa na Internet para responder as questões propostas.

No próximo capítulo, apresenta os dados produzidos os quais foram analisados com base nos referenciais teóricos buscando problematizar os entendimentos dos adolescentes bem como fornecer subsídios para aprimorar e/ou repensar as minhas futuras práticas enquanto docente assim como fornecer subsídios para as práticas educativas desenvolvidas no âmbito da escola.

4. CONCEPÇÕES PRÉVIAS DE ADOLESCENTES E EDUCADORES/AS SOBRE HIV/AIDS E DESAFIOS POSTOS À DOCÊNCIA NO CONTEXTO DE UMA ESCOLA DE ALVORADA – RS

Ao realizar a escuta dos adolescentes, uma das primeiras questões efetuadas aos adolescentes foi com relação ao gênero ao qual se identificam o que foi sistematizado no gráfico abaixo:



Fonte: Elaboração própria.

Os dados evidenciam que 61% se identificaram como gênero feminino e os outros 39% se identificaram como gênero masculino. Ao focar as identidades de gênero dos adolescentes participantes da pesquisa parto do entendimento de que as instituições escolares fabricam os sujeitos que as frequentam, ou seja, eles são produzidos por elas e pelas as representações de gênero que nelas circulam. Assim, nessas instituições pode haver a produção de diferenças e desigualdades entre esses indivíduos, e também da informação acerca do que cada um/a pode ou não fazer e do lugar que meninos e meninas devem ocupar (LOURO, 1997).

Na experiência como educadora no contexto pesquisado, percebo que abordar a temática da sexualidade e do HIV/AIDS é um desafio. Na escuta cotidiana dos adolescentes, colegas educadores/as e famílias percebo que ainda existe um tabu. Cito por exemplo, os fatos de muitos pais/mães são contrários que tenhamos tais debates no ambiente escolar e justificam sua postura, pois entendem que a escola é um ambiente de aprendizagem de conteúdos programáticos já pré-estabelecidos. Durante minha prática docente já fui questionada quando

lecionei os componentes curriculares de Ciências e de Religião para uma turma de 8º ano do Ensino Fundamental. À época os responsáveis pelos alunos reclamaram na Direção sobre a inclusão da sexualidade entre os assuntos abordados em aula, pois entendiam que seus filhos/as eram muito jovens ainda e que isso poderia de alguma forma incentivá-los a iniciar uma vida sexual precocemente.

Outro relato bastante freqüente era a repulsa das famílias aos programas e ações voltadas à distribuição de preservativos. Numa das falas, um pai afirmou que achavam um absurdo essa grande distribuição de camisinhas femininas uma vez que entendia que acabaria as incentivando a começarem a vida sexual com doze anos até quinze quando seriam “apenas crianças”. Ainda segundo o mesmo pai, as escolas deveriam educar e distribuição somente de camisinhas masculinas, porque afinal, “homem é homem.” Para contornar a situação, a direção da escola pediu para o pai vir falar comigo e neste momento conversamos e expliquei que este assunto está incluso tanto dentro do currículo escolar (conforme normativas vigentes como Parâmetros Curriculares, Proposta pedagógica da escola, entre outros) e que a sexualidade é parte integrante da vida e está presente em diferentes artefatos culturais, nos quais muitas vezes os adolescentes acabam encontrando informações incompletas e equivocadas. Logo, enquanto educadores/as e famílias é importante escutá-los e também orientá-los contribuindo para ampliação dos conhecimentos acerca de tais temáticas.

Neste enfoque, a seguir apresento algumas problematizações e reflexões acerca de conhecimentos que pautam as ações e atitudes de adolescentes e educadores/as do contexto pesquisado com relação a HIV/AIDS. O intuito é analisar como tais saberes tem sido (re) produzidos no contexto escolar pesquisado apontando subsídios para o aprimoramento e/ou redimensionamento das práticas desenvolvidas, em particular, no que tange a abordagem de tal temática.

A seguir, apresento os resultados produzidos a partir da escuta dos adolescentes no contexto escolar pesquisado.

4.1 “Poh! Os nego tão tudo dando no pêlo. Isso passou na TV¹²” – reflexões acerca das concepções sobre HIV/AIDS de adolescentes de uma escola pública de Alvorada - RS

Num primeiro momento, busquei investigar se os jovens do município tinham ciência de que o mesmo ocupa o 11º no ranking de colocação em âmbito nacional e no cenário

Figura 4- Campanha do dia 01/12 – Laço Vermelho em frente a Prefeitura Municipal de Alvorada - RS



Fonte: Secretaria da saúde de Alvorada. solidariedade, tolerância, compaixão e compreensão para com as pessoas infectadas pelo HIV/AIDS. No Brasil a data passou a ser adotada, a partir de 1988 tendo sido instituída pelo Ministério da Saúde. O símbolo escolhido para tal campanha foi um laço vermelho em alusão a cor do sangue e a ideia de paixão e simbolizando a solidariedade e o comprometimento na luta contra a AIDS.

No contexto pesquisado, tal dia traz a importância de cada cidade ter a iniciativa de fazer atividades desenvolvidas para divulgar mensagens prevenção e incentivar novos compromissos com essa luta. E a cada ano o OMS, elege a população/grupo social que registra o maior crescimento da incidência de casos de HIV/AIDS e define para uma campanha com ações de impacto e sensibilidade sobre a questão.

¹² Fala de um adolescente participante do estudo.

¹³ A escolha desta data foi uma decisão realizada durante a Assembléia Mundial de Saúde, em outubro de 1987, com o apoio da Organização das Nações Unidas – ONU . Dados disponível em : www.aids.gov.br/final/dia_mundial/dia_mundial.htm acessado em: 26/03/2016

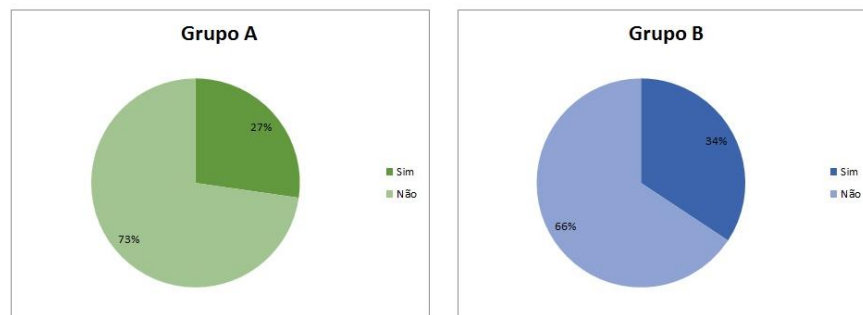
AIDS, de acordo com os dados divulgados pelo Boletim Epidemiológico HIV/AIDS do ano de 2014.

Julgo pertinente fazer tal questionamento, pois no contexto local, têm sido realizadas diversas campanhas de prevenção, em particular, no dia 1º dezembro¹³, no qual é evidenciado para a população Mundial de luta contra a AIDS, reforçando a necessidade de ações voltadas a

Logo, apesar de tal tema ser considerado como transversal no contexto escolar, na prática, o que se observa é que os estudantes buscam informações entre outros espaços, principalmente nos meios de comunicação como televisão e internet.

Conforme citei anteriormente, o município de Alvorada lidera o ranking dos municípios gaúchos com maior índice de HIV/AIDS. Todavia, os dados produzidos a partir da escuta dos adolescentes revelam o desconhecimento acerca de tal realidade, conforme demonstram os gráficos referentes a cada um dos grupos pesquisados¹⁴:

GRÁFICO 3: Informações sobre os índices de contaminação de HIV/AIDS no contexto pesquisa



Fonte: Elaboração própria.

Os gráficos acima demonstram que tanto para ambos os grupos de jovens que estão no grupo A (1º ano) ou B (3º ano) não sabem a realidade do seu Município. Isso é um fator preocupante, pois todos esses jovens moram na cidade, e estudam ao lado da Prefeitura de Alvorada, onde é lá que se consegue visualizar as campanhas feitas entre as Secretarias do Município. No dia da aplicação do questionário, consegui observar diversas conversas paralelas entre jovens que um dos principais meios que obtêm informações sobre a transmissão do HIV é a televisão, conforme a fala a seguir:

“Poh! Os nego tão tudo dando no pêlo. Isso passou na TV.”

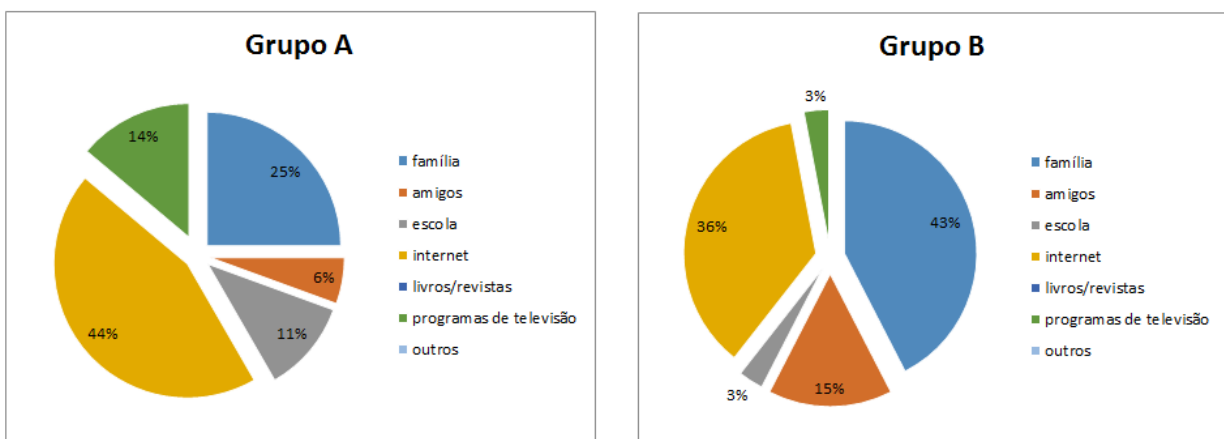
¹⁴ A fim de identificar os grupos de jovens (iniciantes – turmas de 1º ano) e concluintes (turmas de terceiro ano) utilizarei as letras A e B, respectivamente.

A fala acima expressa o quanto as questões de gênero, sexualidade, raça, etnia estão presentes no cotidiano e o quanto, mesmo que de forma sutil, determinadas concepções e preconceitos são reiterados de forma sutil. Em seus estudos, Louro (1997) ressalta a necessidade de enquanto educadores/as problematizarmos tais discursos tão recorrentes no contexto escolar e que muitas vezes acabam sendo (re) produzidos nestes espaços. Para a autora, precisamos considerar que,

[...] Professoras/es e estudantes carregam de sentido aquilo que lêem, o que dizem, o que ouvem ou fazem. Como acentuei anteriormente, é preciso questionar sempre não apenas o que ensinamos, mas o modo como ensinamos e os sentidos que os/as nossos/as alunos/as dão ao que aprendem (p.137).

Com base neste entendimento, na sequência busquei investigar como tais jovens têm acesso às informações de sexualidade e a HIV/AIDS. Vejamos os seguintes gráficos em sequência:

GRÁFICO 4 e 5 – Espaços onde os adolescentes costumam tirar suas dúvidas com a relação à sexualidade e HIV/AIDS, por uma ordem de prioridade.



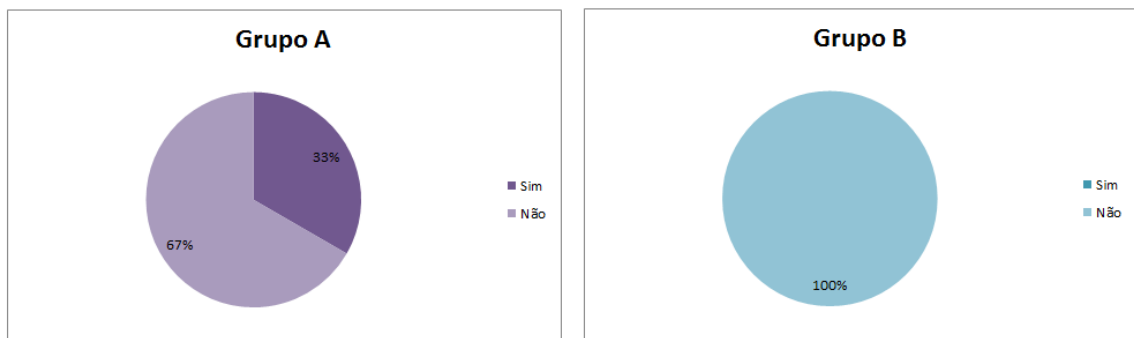
Fonte: Elaboração própria.

Com relação aos dados acima (gráfico 4 e 5), podemos evidenciar que o grupo B busca com maior incidência informações no âmbito do contexto familiar, cuja fonte de informação supera o índice da Internet. Suponho que tal dado demonstra que o grupo B tem mais

confiança com os seus familiares e procuram os mesmos para esclarecer tais informações. Os dados apontam ainda que, tanto para o grupo A quanto para o B, a escola ocupa a última posição na relação de espaços nos quais os adolescentes obtêm informações e conseguem tirar dúvidas com relação a HIV/AIDS, sendo a Internet uma das principais fontes de busca de dados. Nas conversas com os alunos do grupo B, os mesmos relataram a falta de debates em torno da sexualidade no âmbito do espaço escolar afirmando que quando isso ocorre é esporadicamente, em alguma ou outra disciplina, em atividades bastante pontuais. Citam, por exemplo, que no ano anterior, tal temática foi abordada somente durante uma atividade recuperação. Sugerem que haja mais iniciativa por parte dos professores e da escola em trazer esse tipo de reflexão que envolve a todos.

No contexto pesquisado, a escola ainda precisa ser consolidada enquanto espaço para o desenvolvimento de ações educativas voltadas a prevenção do HIV/AIDS, conforme demonstrado nos gráficos 6 e 7.

GRÁFICO 6 e 7 - Sobre a prevenção do HIV/AIDS enfocado na escola.



Fonte: Elaboração própria.

Cabe destacar que a realização de uma campanha educacional efetiva nas escolas poderia contribuir para a redução dos índices de contaminação a medida em que subsidiaria os adolescentes a lidarem com a sexualidade de forma saudável e contribuindo para torná-los menos vulneráveis. Vejamos alguns dados do Boletim Epidemiológico¹⁵ (Brasil, 2016):

A **faixa etária** em que a Aids é mais incidente, em ambos os sexos, é a de 25 a 49 anos de idade. Chama atenção a análise da razão de sexos

¹⁵ Disponível em <http://www.aids.gov.br/pagina/aids-no-brasil> acessado em 15/06/2016.

em jovens de 13 a 19 anos. Essa é a única faixa etária em que o número de casos de aids é maior entre as mulheres. A inversão apresenta-se desde 1998. Em relação aos jovens, os dados apontam que, embora eles tenham elevado conhecimento sobre prevenção da Aids e outras doenças sexualmente transmissíveis, há tendência de crescimento do HIV.

Todavia, além de campanhas de prevenção, o desafio está na desconstrução de alguns mitos que circulam em nossa sociedade com relação ao HIV/AIDS e as pessoas contaminadas bem como também a determinadas práticas sexuais e prevenção da gravidez. Tais discursos estão presentes, por exemplo, na fala dos adolescentes participantes do estudo, dos quais expressões como:

“ Odeio usar camisinha, é um plástico, se é para transar é só sexo anal, assim a mina não engravida.” (relato de adolescente – grupo A)

“ Na hora em que eu vou ter uma relação sexual eu faço apenas oral.” - (relato de adolescente - grupo A)

Com relação especificamente às formas de contaminação por HIV, os adolescentes participantes do estudo demonstraram conhecimentos bastante superficiais e até mesmo equivocados, conforme demonstra algumas respostas apresentadas no quadro abaixo:

TABELA 2: Entendimento dos adolescentes sobre as formas de contaminação por HIV.

GRUPO A	GRUPO B
“Sexo e sangue.”	“Sexualmente e materiais má esterilização.”
“Sexo, transmitido por seringas e alicates, etc.”	“Mãe infectada para o filho.”
“Sexo sem camisinha e encosta em sangue de pessoa contaminada.”	“Quando encosta-se à saliva.”

Fonte: Elaboração própria

Já a **TABELA 3:** apresenta o entendimento dos adolescentes acerca das estratégias preventivas ao HIV:

GRUPO A	GRUPO B
“Na verdade sempre, mas não uso porque é mais gostoso sem camisinha”	“Na hora da penetração.”
“Sempre, não usamos quando	“Sempre quando se vai fazer

se conhece bem a pessoa.”	sexo com alguma pessoa estranha.”
“Sempre nas relações sexuais.”	“Na relação sexual.”

Fonte: Elaboração própria.

Os dados acima corroboram para o entendimento de que o comportamento sexual de um indivíduo depende não só da etapa de desenvolvimento em que se encontra como do contexto familiar e social em que vive. No caso, os adolescentes possuem conhecimentos pautados a partir de discursos que veiculam em diferentes espaços, tais como a Internet como evidenciado anteriormente. Logo, para Louro (2000), no contexto atual evidenciamos um certo pânico moral com relação à sexualidade e adolescência, em particular, baseados na questão da gravidez e contaminação pelo HIV e também por discursos homofóbicos.

Embaladas pela ameaça da AIDS e pelas possibilidades cibernéticas, práticas sexuais virtuais substituem ou complementam as práticas face-a-face. Por outro lado, adolescentes experimentam, mais cedo, a maternidade e a paternidade; uniões afetivas e sexuais estáveis entre sujeitos do mesmo sexo se tornam crescentemente visíveis e rotineiras; arranjos familiares se multiplicam e se modificam... Todas essas transformações afetam, sem dúvida, as formas de se viver e de se construir identidades de gênero e sexuais. Na verdade, tais transformações constituem novas formas de existência para todos, mesmo para aqueles que, aparentemente, não as experimentam de modo direto. Elas permitem novas soluções para as indagações que sugeri e, obviamente, provocam novas e desafiantes perguntas. Talvez seja possível, contudo, traçar alguns pontos comuns para sustentação das respostas. O primeiro deles remete-se à compreensão de que a sexualidade não é apenas uma questão pessoal, mas é social e política. o segundo, ao fato de que a sexualidade é "aprendida", ou melhor, é construída, ao longo de toda a vida, de muitos modos, por todos os sujeitos (LOURO, 2000, p.5-6).

Na atualidade, a sociedade tem fornecido mensagens aos jovens, deixando dúvidas em relação à época mais adequada para o início das relações sexuais. Por pressão social, muitos rapazes e moças são colocados como caretas quando não participam de festas as famosas “sociais”, onde se ocorrem os primeiros contatos com drogas e álcool e se coloca em prova os rapazes a sua masculinidade de quem transa mais na festa ou a menina de quem fica mais bêbada para depois ser comentada em redes sócias e ser a mais destacada e a mais cobiçada.

Ao longo desse ano na escola tive a oportunidade de ver uma festa sendo organizada por um grupo de formandos em que era ofertado a todos os alunos da escola, onde não tinha nenhuma relação com a responsabilidade da escola. Acompanhei ao longo da semana que antecedia a festa muitos comentários em um evento feito no facebook, onde era posto

comentários de que não poderia faltar o “Kit” (vodca e energético) e muita “sarrada” (sexo). Esses trechos de música é o famoso funk ostentação¹⁶ em seus trechos de música, bem como seus cliques acabam determinando determinadas formas de ser jovem. No dia da festa observei os jovens postando fotos nesse evento meninas mostrando o corpo com roupas onde valorizavam o seu corpo, e ao lado de suas amigas fazendo um estilo de provocação sexual e os meninos postando fotos com seus amigos mostrando as bebidas que iriam levar. E nas fotos a legenda era partes de músicas de Funk, como:

“[...]se depender de mim, ele vai enlouquecer! (Mc Anita)”

“[...]só não vale se apegar e nem se apaixonar! (Mc Léo da Baixada)”

“[...]vem que eu vou te hipnotizar, No meu talento! (Mc Anita)”

“[...]vou pra night de sainha E não volto sozinha! (Mc Lexa)”

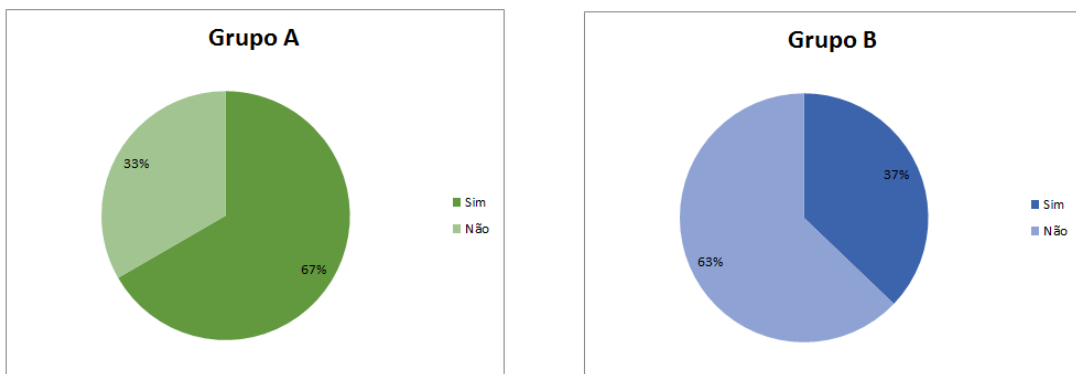
Os alunos relataram que na semana posterior a festa, os comentários eram infinitos na escola que uma aluna de 12 anos tinha enfim tido a sua primeira relação sexual. Ao saber desse fato eles comentaram que em todas as festas são assim as meninas ficam bêbadas e acabam fazendo de coisas que as fazem esquecerem depois no outro dia o até mesmo se arrepender.

Entre os participantes deste estudo, muitos relataram que é comum que aconteçam relações sexuais sem nenhuma proteção como o uso de preservativos e para muitos tal uso justifica-se apenas para evitar gravidez. Logo, tal responsabilidade é atribuída à garota, já que é ela que corre o risco de ficar grávida. Outro entendimento bastante presente na fala dos alunos é o entendimento de que na atualidade com o avanço da medicina quase ninguém mais morre de AIDS. Muitos acreditam ainda que se uma pessoa pegar o vírus, basta tomar o remédio para ficar bem. Muitos adolescentes não compreendem ainda que a AIDS não tem cura e que o tratamento para controlar a doença é para toda a vida.

¹⁶ O funk ostentação tem sua definição como um estilo musical difundido principalmente entre as classes sociais mais pobres, embora afirme valores comuns às classes mais ricas. No funk ostentação, à diferença do funk carioca, não se fala diretamente em crime, drogas ilícitas ou sexo. Há uma virada: da criminalidade para o consumo. As letras deixam de falar de crime para falar de dinheiro, mulheres ou fazer apologia de bens de consumo marcas famosas de roupas, como carros, motocicletas e bebidas. Embora tenha ganhado muito espaço na mídia e no rádio, o funk ostentação tem gerado muitas polêmicas e boatos, por vezes maldosos, ou até e às vezes sendo motivo de preconceito por demais grupos da sociedade brasileira.

Para exemplificar tais entendimentos dos adolescentes sobre as formas de contaminação do HIV/AIDS, uma das questões foi: A Aids se pega pelo beijo? As respostas estão expressas nos gráficos 8 e 9. Vejamos...

GRÁFICO 8 E 9 – A AIDS se pega pelo beijo?

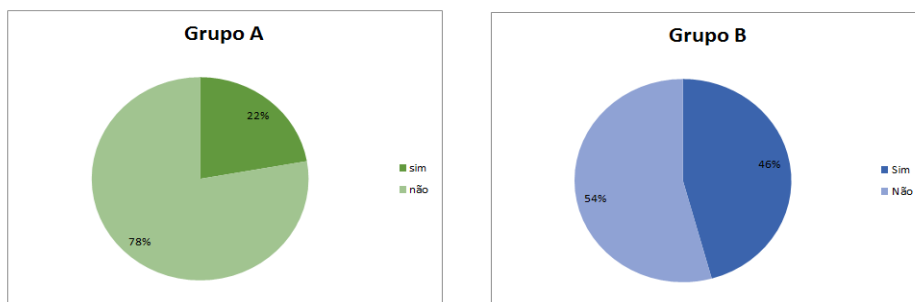


Fonte: Elaboração própria.

A questão nos remete a crença citada anteriormente nos estudos de Vidal (2008) pois como na década de 1930, na atualidade, o beijo ainda é visto comum fator de contágio de doenças sexualmente transmissíveis como HIV/AIDS. Todavia, é preciso ressaltar que o beijo somente transmite o vírus, caso o/a parceiro possua lesões na boca.

No que tange ao uso de preservativo, 78% entendem que é possível ser infectado apesar de utilizar a camisinha. Já no grupo, este percentual foi de 46%, conforme demonstra os gráficos abaixo:

GRÁFICO 10 e 11 - Mesmo usando o preservativo numa relação sexual, corre o risco de contrair o HIV?

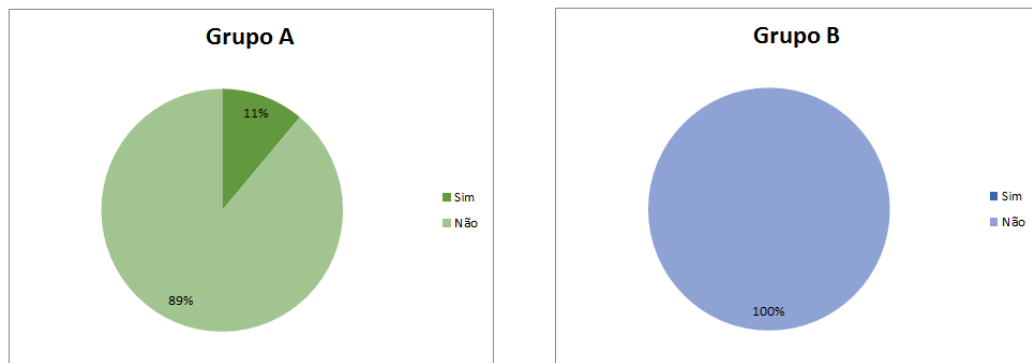


Fonte: Elaboração própria.

No caso do uso de preservativo é importante destacar que seu uso não é uma garantia absoluta para não contrair doenças ou gravidez, todavia traz é uma das maneiras mais eficazes para manter uma relação sexual mais segura.

Quanto à contaminação através da gravidez, 11% dos alunos do grupo A entendem que pode ser transmitido o HIV da mãe para o bebê e 100% do grupo B concorda com tal afirmativa.

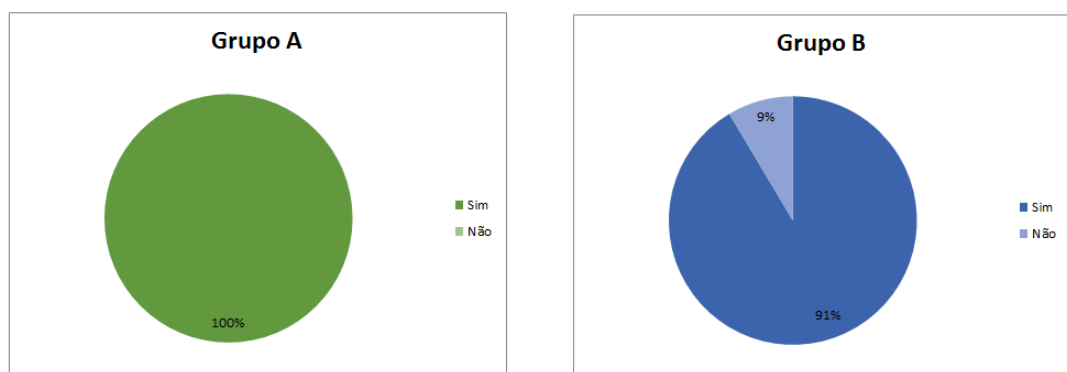
GRÁFICO 12 e 13 – O HIV pode ser transmitido durante a gestação da mãe para o bebê?



Fonte: Elaboração própria.

Quanto à possibilidade uma pessoa contaminada doar sangue, 100% dos adolescentes do grupo A entendem que é possível. Já no grupo B cerca de 91% demonstraram tal entendimento (ver gráficos 14 e 15).

GRAFICO 14 e 15 - Pessoas portadoras do vírus HIV podem doar sangue?



Fonte: Elaboração própria.

Ao serem questionados quanto aos sintomas apresentados por uma pessoa contaminada pelo HIV, as respostas mais recorrentes entre os adolescentes foram as citadas abaixo:

TABELA 4 – Quais os sintomas de uma pessoa contaminada com a HIV?

GRUPO A	GRUPO B
“Não sei, nenhum eu acho.”	”Febre, manchas no rosto, emagrecimento, imunidade baixa.”
“Emagrecimento, feridas e cansaço.”	“Febre, perda de peso, imunidade baixa”

Fonte: Elaboração própria

Quanto ao tempo em que tais sintomas surgem, as respostas forma as seguintes:

TABELA 5 – Quanto tempo esses sintomas do HIV demoram a se manifestar no sujeito infectado?

GRUPO A	GRUPO B
“Na minha opnião, não sei nada.”	“Acho que os sintomas aparecem rapidamente dependendo do sistema do corpo.”
“Algumas semanas.”	“Não tem tempo certo, pode durar anos.”

Fonte: Elaboração própria.

Quanto as curiosidades acerca da temática HIV/AIDS, as respostas dos alunos foram basicamente as seguintes:

TABELA 6 - Que curiosidades e conhecimentos você gostariam de obter com relação a HIV/AIDS?

GRUPO A	GRUPO B
“Como surgiu e como prevenir melhor além da camisinha?”	“Acho que nada pois já tenho os conhecimentos necessários.”
“Coisas em geral, pois não temos aulas e nem debates sobre esse assunto.”	“Ser abordado com mais frequência o tema em aula.”
“Gostaria que a escola, falasse dessa realidade, e como se da o tratamento do HIV/AIDS e como uma pessoa vive.”	“ Porque ainda não tem cura.”

Fonte: Elaboração própria.

A escuta dos adolescentes contribuiu para reforçar o entendimento de que a escola tem o papel social de desenvolver o diálogo com os estudantes e a comunidade escolar. Logo, para além de conteúdos é um espaço de formação de cidadãos críticos e conscientes de seu exercício social e de agentes transformadores da sociedade atual. Para tanto, é necessário que se perceba e valorize a diversidade como algo que enriquece um povo e não como signo de indefinição que necessitaria ser “padronizada” e ter seus limites bem definidos para que possa ser considerada algo “normal” e/ou “natural”. Tal entendimento vai ao encontro da afirmativa de Louro (1997), a qual ressalta que enquanto educadores/as precisamos considerar que o processo de “fabricação” dos sujeitos é continuada e geralmente muito sutil, quase imperceptível e, portanto,

Antes de percebê-lo pela leitura de leis ou de decretos que instalam e regulam as instituições ou percebê-lo nos solenes discursos das autoridades (embora todas essas instâncias também façam sentido), nosso olhar deve se voltar especialmente para as práticas cotidianas em que se envolvem os sujeitos. São pois, as práticas rotineiras e comuns, os gestos e as palavras banalizados que precisam se tornar alvos de atenção renovada, de questionamento e, em especial, de desconfiança. A tarefa mais urgente talvez seja exatamente essa: desconfiar do que é tomado como “natural” - grifos da autora (p. 63).

Como podemos perceber, os conhecimentos que os adolescentes manifestaram acerca do HIV/AIDS estão pautadas nos discursos que são produzidos em diferentes espaços para além da escola. Como exemplo do exposto, cito o episódio de “Malhação”, novela voltada para o público adolescente da Rede Globo, veiculado no final de dezembro de 2015 e que gerou polêmica ao veicular informações referentes a transmissão do vírus HIV e os direitos de pacientes soropositivos. Parte do público, além de ativistas e organizações não governamentais ficou insatisfeita com a maneira como o tema foi abordado, apontando falta de informação sobre o assunto por parte dos produtores da novela além do tom alarmista. No capítulo da novela citado, veiculado no dia 25 de dezembro, os personagens Henrique e Luciana se chocam durante um jogo de basquete na escola. Os dois se ferem na testa e o rapaz, que é soropositivo, se preocupa com a possibilidade de ter infectado a jovem. Ele decide contar a ela que tem o vírus

HIV e, na sequência, leva Luciana a um serviço de saúde. No local, é receitada a PEP¹⁷ (profilaxia pós-exposição) e a menina começa a fazer o tratamento.

A frase em que Henrique afirma que isso nunca havia acontecido com ele porque toma todos os cuidados, inclusive, evita "ao máximo fazer esportes" foi duramente criticada. A mãe do cantor Cazuza, Lucinha Araújo, presidente da Sociedade Viva Cazuza, afirmou em postagem na página da ONG do Facebook que é de fazer "chorar" um programa "destinado ao público jovem aconselhar soropositivos a não praticar esportes, a mostrar um médico receitar medicamento antirretroviral numa situação onde dois jovens dão uma cabeçada".

No caso da novela, a chance de transmissão seria mínima, "ainda mais em um contato tão rápido". "Mas, a indicação é avaliar a situação do paciente. Se a pessoa ficou abalada com aquilo, a gente indica o tratamento apesar da pouca probabilidade". Cabe destacar que o contato com suor, lágrima, fezes, urina, vômito, secreção nasal e saliva (exceto quando há sangue), pele (exceto quando há algum tipo de ferimento) não é considerado de risco para transmissão do HIV.

Com base em tais conhecimentos, um dos desafios postos à escola é problematizá-los contribuindo para desnaturalizar alguns comportamentos e questionar algumas verdades instituídas acerca dos sujeitos portadores de HIV/AIDS. Para tanto, uma das estratégias é promover a escuta dos adolescentes enquanto sujeitos produzidos e produtores no contexto histórico e social no qual encontram-se inseridos.

¹⁷ Na PEP, a pessoa exposta deve tomar, durante 28 dias consecutivos, medicamentos antirretrovirais, em até 72 horas após a exposição. De acordo com a Secretaria Estadual de Saúde de São Paulo, explica que existem três situações em que a PEP é receitada: violência sexual, ato sexual consentido sem proteção com pessoa sabidamente soropositiva e por acidentes ocupacionais e profissionais - como um profissional da saúde que se espeta com agulha usada em paciente com HIV, por exemplo.

4.2 Percepções e demandas apontados participantes do estudo

Além da escuta dos estudantes, o estudo contou com a participação de 05 (cinco) professoras, as quais serão identificadas por nomes fictícios, escolhidos pelas próprias participantes, cuja formação e atuação estão descritos na tabela abaixo:

Nome	Idade	Formação	Área de atuação na escola	Tempo de magistério
Joana	35 anos	Licenciatura em Educação Física	Professora de Educação Física e integrante da equipe diretiva	6 anos
Carol	34 anos	Licenciatura em Letras-língua portuguesa e literatura de língua portuguesa	Professora de Português	6 anos
Melissa	33 anos	Licenciatura em Ciências – Habilitação em Matemática	Professora de Matemática e Física.	7 anos
Beto	45 anos	Especialista em novas tecnologias e metodologia para o Ensino das Ciências da Natureza	Professor de Biologia, Química e Física.	10 anos
Matheus	39 anos	Professor de Geografia	Professor de Seminário Integrado.	15 anos

Para fins de registro das conversas realizadas com as educadoras, as mesmas foram gravadas com consentimento das mesmas e transcritas pela pesquisadora. A fim de analisar os conhecimentos que possuem acerca do tema e os desafios encarados em sua carreira docente.

Inicialmente questionei sobre se tem ciência acerca dos índices de contaminação de HIV/AIDS no município e se tal informação tem subsidiado as ações educativas na escola. Entre as participantes houve uma unanimidade em informarem que não tinha tal informação até o ano de 2015 quando o turno da noite se mobilizou em realizar atividades de recuperações a cerca de tal temática.

Na sequência, questionei os docentes sobre os conhecimentos que possuem acerca das dificuldades que o município de Alvorada e obtive as seguintes respostas:

“Falta de segurança (policimento), serviços de saúde pública deficientes, falta de manutenção das vias públicas, alagamento de algumas regiões em épocas de chuva, população muito carente em recursos financeiros, número alto de pessoas com AIDS, não sei dados, mas acredito que o número de envolvidos com drogas (usuários e traficantes) seja elevado também. Tem outros problemas.” **Relato da professora Carol**

“É uma cidade dormitório uma vez que grande parte da população trabalha em outras cidades vizinhas retornando para a cidade apenas para dormir, uma cidade carente de políticas públicas de qualidade.” **Relato da professora Melissa**

“Problemas de Alvorada é o Alto índice de pessoas em situação de pobreza, que não tem acesso a coisas básicas como saúde, esporte, lazer e cultura. A cidade tem o rótulo de cidade sem lei, a mídia usa para vender notícias e isso acaba dificultando ainda mais a vida da população”. **Relato do professor Alberto**

Quanto à abordagem da sexualidade e HIV/AIDS, os docentes participantes do estudo enfatizam que,

“Esse assunto ainda é tabu em muitas famílias e, muitas vezes, os alunos adquirem informações/conhecimentos sobre o assunto na escola. Na escola do município esse assunto não é abordado, talvez algum professor trabalhe o assunto, mas não em forma de projeto, aqui na escola tem uma professora que ministrava palestras pro médio, não sei se havia exatamente um projeto, à noite acho que não há projeto também.” **Relato do professora Carol**

“Uma vez que é um tema que deveria ser abordado com mais ênfase nos espaços escolares, pois é um assunto de muito interesse por parte dos adolescentes que muitas vezes não tem esta temática abordada em seu seio familiar, mesmo que hoje em dia existam fontes diversas, nos meios de comunicação, seja bem divulgado e exposto a situação, frequentemente me

deparo com situações e questionamentos onde percebe-se que o jovem não se encontra bem preparado para o tema sexualidade e as estatísticas de gravidez e doenças sexuais transmitidas sejam alarmantes”. **Relato da professora Melissa**

“A sexualidade deve ser sempre trabalhada. Sempre existe o momento certo para encaixar o assunto. Não tenho nenhum projeto atualmente, mas, trabalho todos os anos em todas as séries no fundamental e médio”. **Relato do professor Alberto**

“O tema sexualidade envolve muitas questões delicadas, a gente tenta conversar, mas tá rolando muita a questão do nudez, só que na escola não adianta pois precisa da família atuar junto com a escola e eu como parte da equipe diretiva tenho que se retratar perante aos responsáveis”. **Relato da professora Joana**

Quanto às dificuldades enfrentadas no cotidiano, relatam o que segue:

“As dificuldades maiores são relativo a falta de investimento, falta de material, baixo salário. Temos que trabalhar 60 hs se quisermos sobreviver. As vezes temos que colocar dinheiro do bolso para investir em algum projeto, ou trabalho com os alunos. Mas apesar disso tudo, conseguimos fazer um excelente trabalho.” **Relato do professor Alberto**

“Principal dificuldade em meu ponto de vista é a desvalorização por parte do profissional da educação, salas de aulas com super lotação, falta de recursos e materiais de expediente, falta uma internet que seja adequada para uma pesquisa de qualidade, formação continuada e que se cumprisse a carga horária de planejamento para cumprimento de horas de formações específicas, e que a Secretaria de Educação fizesse sua parte como redução de carga horária para o professor se especializar ou até mesmo estudar, acredito que se passasse pela valorização docente, os resultados seriam melhores para os outros pontos”. **Relato da professora Melissa**

“Nossa é muita coisa! Falta de interesse dos alunos, falta de respeito, por parte de muitos alunos, falta de material, falta de professores, o que faz com que tenhamos que atender mais de uma turma ao mesmo tempo, na escola do município, em que atendo o ensino fundamental, temos que lidar com os conflitos entre os alunos, com a violência que eles trazem de casa e expressam através da fala e das ações, há muitos alunos por turma, falta de assistente para ajudar nas turmas com alunos de inclusão”. **Relato da professora Carol**

A escuta dos professores corrobora para o entendimento da relevância e da complexidade da docência no contexto da escola, em particular, em se tratando de ensino público. Além das questões relacionadas à falta de investimentos e infraestrutura também

evidenciam a falta de espaços de formação continuada que tratem de temáticas específicas a questões como adolescência e sexualidade. Tal assunto, embora previsto nos documentos que regem a Educação Básica (tais como nos PCNs e nas atuais Diretrizes) ainda carece de maior ênfase no âmbito dos espaços de formação inicial e continuada de educadores. Cabe ressaltar que o atual Projeto Político Pedagógico da Escola prevê que a abordagem de tal temática estará pautada nos seguintes princípios educativos:

a) O direito à informação clara e precisa dos fatos biomédicos sobre ao HIV e a Aids, mas também dos fatos que descrevem a vulnerabilidade social: raça, classe, falta de acesso a serviços de saúde e educação de qualidade, de direitos, a opressão dos gêneros, a violência, a falta de lazer, que também conhecemos da pesquisa social;

b) A linguagem franca e acessível; as mensagens devem ser claras e não estereotipadas ou preconceituosas;

c) Estimular o respeito às diferenças - de cultura, de raça, de pensamento, de opção sexual, de opinião; lembrar que precisamos discutir abertamente a ética e os valores que estimulem o sexo consensual, resistam ao abuso e recuse a violência, ou as pressões de grupo que desrespeitam convicções pessoais.

d) Facilitar ao profissional também se colocar, criando espaço para conscientizar as limitações das normas de gênero, o peso da mídia e do conjunto de valores representados no grupo;

e) Compromisso com a educação continuada e a promoção de sujeitos da sua saúde e da cidadania, estimulando a mobilizar com por direitos que compartilhamos como cidadãos, parte de um coletivo e não como “consumidores”.

f) Recusa do modelo de amedrontamento, gerador de pânico e perpetuador da negação e da exclusão.

g) Estimular o trabalho e a pesquisa da comunidade onde crescem os jovens, estimular a inclusão dos pais, professores e comunidade organizada os projetos de prevenção, já que esforços pontuais se perdem rapidamente.

Cabe destacar ainda que segundo Louro (2008) aprendemos a viver o gênero e a sexualidade na cultura, ou seja,

[...] através dos discursos repetidos da mídia, da igreja, da ciência e das leis e também, contemporaneamente, através dos discursos dos movimentos sociais e dos múltiplos dispositivos tecnológicos. As muitas formas de experimentar prazeres e desejos, de dar e de receber afeto, de amar e de ser

amada/o são ensaiadas e ensinadas na cultura, são diferentes de uma cultura para outra, de uma época ou de uma geração para outra. E hoje, mais do que nunca, essas formas são múltiplas. As possibilidades de viver os gêneros e as sexualidades ampliaram-se. As certezas acabaram. Tudo isso pode ser fascinante, rico e também desestabilizador. Mas não há como escapar a esse desafio. O único modo de lidar com a contemporaneidade é, precisamente, não se recusar a vivê-la (p.22-23).

Neste sentido, a promoção da escuta dos adolescentes é um fator imprescindível para a prática pedagógica visando mapear os conhecimentos e problematizá-los. Tal ação pedagógica precisa estar pautada no diálogo sobre a sexualidade enquanto parte da vida e não com o intuito de reger ou definir comportamentos sexuais adequados. Para tanto, enquanto educadores/as precisamos romper com os discursos heteronormativos que reforçam práticas homofóbicas e acabam tornando os adolescentes mais vulneráveis pela falta ou equívoco nas informações que acessam em espaços escolares ou não escolares.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em toda a pesquisa constatei que há um consenso entre os autores pesquisados que os conteúdos dos programas de orientação sexual não podem se resumir aos aspectos biológicos da sexualidade, mas devem abordados a partir de perspectivas sociais e culturais. Logo, é preciso considerar que a sexualidade é produzida a partir do entorno cultural e social no qual os sujeitos estão imersos, incluindo a dimensão que tem o prazer e o erotismo.

Portanto, este estudo teve por objetivo sistematizar um referencial teórico objetivando a compreensão da relação AIDS na educação escolar e a importância do debate, na escola, entre os professores e seus alunos. Para tanto, entendo que uma das estratégias pedagógicas para a abordagem desta temática é a escuta dos sujeitos envolvidos neste processo. Tal escuta visa traçar os conhecimentos prévios, as demandas e as curiosidades acerca da sexualidade a partir de suas vivências respeitando as diversidades do contexto sociocultural.

Com base nos dados produzidos, percebo que a prevenção do HIV/AIDS no contexto pesquisado se tornará mais efetiva a medida em que tal temática seja inserida efetivamente de maneira transversal no currículo escolar, conforme evidenciado nos PCNS (1997). Tais documentos apesar de possuírem mais de duas décadas, na prática ainda não foram de fato efetivados no contexto das escolas no que tange a temática estudada.

Neste sentido, entendo que é na elaboração de uma proposta pedagógica para abordar a prevenção do HIV/AIDS é fundamental ouvirmos a opinião dos alunos, conversando e promovendo espaços para debates e reflexões. No entanto, sem o intuito de oferecer fórmulas prontas ou empurrar valores que, enquanto adultos (quer seja famílias, ou seja, educadores/as) consideramos como apropriados. Para tanto, é preciso estabelecer uma relação de confiança e também de parceria entre professores/as e alunos na busca de estratégias que possam ser assumidas individual e/ou coletivamente para enfrentar o problema da disseminação do HIV no contexto estudado.

Destaco ainda que é preciso que todos os professores/as que atuam na Educação Básica tenham acesso a subsídios teóricos e práticos para abordarem tal temática, independentemente de sua área de atuação. Logo, tal enfoque não deverá ficar restrito a área da Ciências da Natureza mas deverá pautar os espaços formativos nos cursos de formação inicial e continuada de docentes para a Educação Básica nas mais diversas áreas.

REFERÊNCIAS

BASTOS, Coutinho K. **Tão longe, tão perto: as pesquisas sobre HIV/Aids no Brasil**. In: Parker R, Galvão J, Bessa MS, editores. Saúde, desenvolvimento e política: respostas frente a Aids no Brasil. São Paulo: ABIA/Editora 34; 1999. p. 339-95

BRASIL. **Ministério da Saúde. Boletim Epidemiológico - Aids e DST** – Edição 2014. Secretaria de Vigilância em Saúde - Departamento de DST, Aids e Hepatites: Brasília, 2014. Disponível em http://www.aids.gov.br/sites/default/files/anexos/publicacao/2014/56677/boletim_2014_final_pdf_155_65.pdf acessado em 01/04/2016.

BRASIL, Ministério da Saúde. **Boletim Epidemiológico - AIDS E AIDS**. Brasília, 2014. Disponível em http://www.aids.gov.br/sites/default/files/anexos/publicacao/2014/56677/boletim_2014_final_pdf_155_65.pdf acessado em: 20 de março de 2016.

BRASIL, Ministério da Saúde. **Comportamento sexual da população brasileira e percepções do HIV/Aids**. Brasília (DF): Ministério da Saúde; 2000

CAMARGO, Jr KR. **Políticas públicas e prevenção em HIV/Aids**. In: Parker R, Galvão J, Bessa MS, editores. Saúde, desenvolvimento e política: respostas frente a Aids no Brasil. São Paulo: ABIA/Editora 34; 1999. p. 227-62.

COSTA, Eduardo Louzada da; VENACIO, Mariana Andrade; GAMONA, Aloísio. **Sarcoma de Kaposi**. HU revista, Juiz de Fora, v. 32, n. 3, p. 77-84, jul-set. 2006. Disponível em <https://hurevista.ufjf.emnuvens.com.br/hurevista/article/download/21/16> acessado em 02/06/2016.

DAZZI, Miriam. **Estratégias para endereçar... Por uma política de capacitação de professores – ou os sedutores estímulos e recompensas para que professores e adolescentes assumam posições de gênero, status social, atitude, estilo, gosto....para preveniremse do HIV/AIDS**. In: Anais da ANPED, 2007. Disponível em [www.portalanpedsul.com.br/.../09_40_12 ESTRATEGIAS_PARA_ENDERECAR..._...](http://www.portalanpedsul.com.br/.../09_40_12 ESTRATEGIAS_PARA_ENDERECAR...)

GALVÃO.J. **AIDS no Brasil A agenda de construção de uma epidemia**. 1a ed. Rio de Janeiro: ABIA; São Paulo: Editora 34; 2000.

GIL, Antonio Carlos **Métodos e técnicas de pesquisa social** / Antonio Carlos Gil. - 6. ed. - São Paulo: Atlas, 2008.

GONDIM, Sônia Maria Guedes. **Grupos focais como técnica de investigação qualitativa: desafios metodológicos**. Paidéia (Ribeirão Preto) [online]. 2002, vol.12, n.24, pp.149-161. ISSN 0103-863X. Disponível em <http://www.scielo.br/pdf/paideia/v12n24/04.pdf> acessado em 01/04/2016

LOURO, Guacira. **Gênero, sexualidade e educação**. Guacira Lopes Louro - Petrópolis, RJ Uma perspectiva pós-estruturalista / : Vozes, 1997.

____ **O corpo educado**. Belo Horizonte, MG: Autência, 2000. Disponível em <https://repositorio.ufsc.br/bitstream/handle/123456789/1230/Guacira-Lopes-Louro-O-Corpo-Educado-pdf-rev.pdf?sequence=1> acessado em 05/04/2016..

____ **Currículo, gênero e sexualidade**. Editora Porto: 2000.

____ **Pedagogias da sexualidade.** In: LOURO, G. L. (Org.) O corpo educado: pedagogias da sexualidade. 3. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2013. p. 7-34.

KALINKE, Marco Aurélio. **Para não ser um professor do século passado.** Curitiba: Gráfica Expoente, 1999.

LEAL. Rieth F. **Ficar, namorar: desvendando práticas e representações adolescentes sobre sexualidade.** In: Béria J, editor. Ficar, transar: a sexualidade do adolescente em tempo de Aids. Porto Alegre: Tomo Editorial; 1998. p. 27-36

PAIVA, V. **Sexualidade e gênero num trabalho com adolescentes para prevenção do HIV/Aids.** In: Parker R, Bastos C, Galvão J, Pedrosa JS, editores. A Aids no Brasil (1982-1992). Rio de Janeiro: ABIA/IMS-UERJ/ Relume-Dumará; 1994. p. 231-50.

PRADO, Gustavo dos Santos. **A juventude dos anos 80 em ação: música, rock e crítica aos valores modernos.** Revista Desenredos: Teresina, Piauí. 2011. Disponível em : desenredos.dominiotemporario.com/...rtigo_-_Rock80

REIS, Giselle V; RIBEIRO, Paulo R. M. **A institucionalização do conhecimento sexual no Brasil.** In: RIBEIRO, Paulo R. (org.). Sexualidade e educação: aproximações necessárias. São Paulo: Arte & Ciência, 2004.

ROCHA, Maria E.B. **Juventudes com HIV/AIDS: rostos velados, vozes a serem ouvidas.** FURG: Rio Grande, 2007. Dissertação de Mestrado em Educação Ambiental. Disponível em https://sistemas.furg.br/sistemas/sab/arquivos/bdtd/tde_arquivos/5/TDE-2008-09-18T091801Z-104/Publico/ESTELA.pdf acessado em 21/09/2016.

SEFFNER, F. **O jeito de levar a vida : trajetórias de soropositivos enfrentando a morte anunciada.** UFRGS. Porto Alegre, 1995. Dissertação de Mestrado em Educação. Disponível em <https://www.lume.ufrgs.br/handle/10183/13878> acessado em 01/04/2016.

SEFFNER, F. ; GOMES, Laura Loforte . **Gênero, sexualidade e cultura juvenil masculina em Moçambique: entre tradição e modernidade.** In: Anais do V Seminário Corpo, gênero e sexualidade : instâncias e práticas de produção nas políticas da própria vida, I Seminário Internacional Corpo, gênero e sexualidade, I Encontro gênero e diversidade na escola. Rio Grande / RS : FURG, 2011. v. 1. p. 716-724.

SILVA, Jeane F. **Juventude e vida com HIV: o que isso tem a ver com a escola?** Universidade Federal de Santa Catarina: Anais: Fazendo Gênero 9 Diásporas, Diversidades, Deslocamentos. Florianópolis: 23 a 26 de agosto de 2010. Disponível em: http://www.fazendogenero.ufsc.br/9/resources/anais/1278296473_ARQUIVO_FazendoGenero-2010.pdf

VEJA. São Paulo: Abril. 26 de abril de 1989. Disponível em <http://revistaladoa.com.br/tags/aids> acessado em 01/06/2016.

VIDAL, Diana. **A educação sexual – lições do passado.** In: Revista Educação Grandes Temas. São Paulo, 2008, p. 24-33.

ZAGO, Luis F. **Masculinidades disponíveis.com: sobre como dizer-se homem gay na Internet.** UFRGS. Porto Alegre, 2009. Dissertação de Mestrado em Educação. Disponível em <http://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/16865/000707937.pdf?sequence=1> acessado em 16/08/2016.

WASELFISZ, Julio Jacobo. **Mapa da Violência – 2014. Os jovens do Brasil. Flacso Brasil:** Rio de Janeiro, 2014. Disponível em: Disponível em http://www.mapadaviolencia.org.br/pdf2014/Mapa2014_JovensBrasil_Preliminar.pdf acessado em 15/06/2016.

WEEKS, Jeffrey (2000). **O corpo e a sexualidade.** In: LOURO, Guacira. **O corpo educado.** Belo Horizonte, MG: Autência, 2000. Disponível em <https://repositorio.ufsc.br/bitstream/handle/123456789/1230/Guacira-Lopes-Louro-O-Corpo-Educado-pdf-rev.pdf?sequence=1> acessado em 05/04/2016..

APÊNDICE

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Prezadas famílias,

Enquanto professora da disciplina de Biologia da escola e também como pesquisadora frequentando o Curso de Licenciatura em Ciências da Natureza no Instituto Federal de Educação do Rio Grande do Sul – Campus Porto Alegre, estou realizando um estudo acerca dos conhecimentos prévios de adolescentes sobre a transmissão do vírus HIV. O objetivo do estudo é promover a escuta de adolescentes mapeando quais conhecimentos possuem acerca de tal temática com vistas a ampliá-los e/ou redimensioná-los bem como subsidiando as ações educativas desenvolvidas no âmbito da escola.

Cabe esclarecer que abordagem de tal temática é prevista nas Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Básica e é uma demanda local uma vez que Alvorada qual ocupa a 11º lugar no ranking nacional e o 6º lugar entre os municípios com maior índice de HIV. Logo, o objetivo do estudo é aprimorar as estratégias no âmbito da educação e saúde visando reverter tal realidade.

A participação de seu/sua filha/o consistirá somente no preenchimento de um questionário semiestruturado. Esclarecemos que em hipótese seu/sua filho/a será submetido a algum tipo de teste, coleta de material ou qualquer outro procedimento. A aplicação do questionário será durante o período de aula sendo que a identificação dos participantes e os resultados produzidos servirão apenas para fins acadêmicos/científicos.

Salientamos que seu/sua filho/a somente participará da pesquisa se os/as senhores/as, voluntariamente, concordarem, estando garantidos o seu anonimato e a sua privacidade na coleta das informações e na análise dos resultados. Caso os/as senhores/as não queiram ou não autorizem a participação de seu/sua filho/a nesse estudo, isso não trará nenhum prejuízo para suas atividades ou avaliação escolar. Estando assim esclarecidos, solicitamos sua assinatura ao final desse Termo de Consentimento Livre e Esclarecido em duas vias, datadas.

RESSALTAMOS QUE SUA PARTICIPAÇÃO É VOLUNTÁRIA E QUE OS SENHORES PODEM, A QUALQUER MOMENTO, ENTRAR EM CONTATO COM O COORDENADOR DO ESTUDO PARA ESCLARECER DÚVIDAS OU SOLICITAR OUTRAS EXPLICAÇÕES QUE JULGAREM NECESSÁRIAS.

Muito obrigada pela atenção.

Após a leitura do termo acima, assinale:

- () Eu autorizo a participação do(a) meu/minha filho(a).
 () Eu NÃO autorizo a participação do(a) meu/minha filho(a).

Assinatura da professora responsável pela pesquisa:

Graziela Traçante Rodrigues - professora de Biologia/Química

(e-mail: graziela.tracanter@gmail.com)

Porto Alegre, ____ de agosto de 2016.

Nome do aluno: _____

Nome do responsável (pai ou mãe): _____

QUESTIONÁRIO DE LEVANTAMENTO DE CONHECIMENTOS PRÉVIOS DE ADOLESCENTES ACERCA DO HIV/AIDS

Levantamento de Conhecimentos prévios de adolescentes acerca do HIV/AIDS

Olá pessoal,

Como parte de uma pesquisa que estou desenvolvendo no Curso de Licenciatura em Ciências da Natureza, estou solicitando sua colaboração para que eu possa mapear quais os conhecimentos prévios de adolescentes possuem acerca do HIV/AIDS. O objetivo deste estudo será a partir da escuta de vocês alunos, apontarmos subsídios para repensarmos as estratégias docentes utilizadas no âmbito do Ensino Médio ao enfocarmos tal temática. Esclareço que sua identidade será mantida sob sigilo e os dados produzidos serão utilizados exclusivamente para fins acadêmicos.

Idade:

Gênero: _____

Ensino Médio:

Cursando o 1º ano

Cursando o 2º ano

Cursando o 3º ano

Turno de aula: Manhã Noite

DE ACORDO COM SEU ENTENDIMENTO SOBRE O ASSUNTO, RESPONDA AS QUESTÕES ABAIXO:

1. O município de Alvorada obteve um avanço na luta contra a AIDS. A cidade figurava na liderança dos municípios brasileiros com a maior taxa de detecção de HIV/AIDS, e com a nova avaliação passou para 11ª colocação em âmbito nacional. Já no cenário estadual, Alvorada encontra-se na sexta colocação das cidades gaúchas com o maior índice de HIV/Aids. Você sabia dessa afirmação?

Sim Não

2. No caso, onde você costuma tirar suas dúvidas com relação a sexualidade e HIV/AIDS? (Numere de 1 a 8 as respostas, por ordem de prioridade)

família

amigos

escola

internet

livros/revistas

programas de televisão

outros. Qual/is? _____

3. A prevenção do HIV/AIDS é focado na escola?

Sim, durante as aulas.

Raramente, apenas em alguns momentos específicos.

Nunca.

4) Quais são as formas de contaminação pelo vírus HIV que você conhece?

5) Na sua opinião, para fins de prevenção do HIV, quando deve ser utilizado preservativo (camisinha)?

6) AIDS se pega pelo beijo?

Sim

Não

Justifique sua resposta: _____

7) As chances de se contrair uma DST através do sexo oral são menores do que sexo com penetração?

Sim

Não

Justifique sua resposta: _____

8) Mesmo usando o preservativo numa relação sexual, corro o risco de contrair o HIV?

Sim

Não

Justifique sua resposta: _____

9) Na sua opinião, quais os principais sintomas que uma pessoa contaminada com a HIV ?

10) Na sua opinião, quanto tempo esses sintomas demoram para aparecer?

11) O bebê pode ser contaminado pela mãe?

Sim

Não

Justifica sua resposta

12) As pessoas portadoras do vírus HIV podem doar sangue?

Sim

Não

Justifica sua resposta

13) Além dos conhecimentos que você já possui, o que você gostaria de saber a mais sobre sexualidade e prevenção do HIV/AIDS?